

O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

Lúci[®]fer

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

O segredo por trás do Sermão da Montanha – parte 1:
As Bem-aventuranças

O Clamor das Nações pela Paz

Você percebe o que vive dentro de você

O desafio que a liberdade nos oferece

Educação teosófica

O mapa astral – Fundamentos da astrologia, parte 4

Karma é Ātman



Ilustração da capa:
Escultura em bronze de Jean Marais
na Place Marcel Aymé, em Paris.

**Interessado em nossas
palestras?**

assista-as em nosso
canal no YouTube:

[youtube.com/
@theosophicalsociety-tsp](https://www.youtube.com/@theosophicalsociety-tsp)

As três proposições fundamentais da Teosofia

Por mais abrangentes que sejam os ensinamentos teosóficos, eles se baseiam em três proposições fundamentais. Para uma compreensão adequada da Teosofia, é necessário considerá-las cuidadosamente.

A primeira proposição fundamental: Ilimitabilidade

*Um PRINCÍPIO Onipresente, Eterno, Sem Limites e Imutável sobre o qual toda especulação é impossível, pois transcende o poder da concepção humana e só poderia ser diminuído por qualquer expressão ou similitude humana. (...) Uma Realidade absoluta que antecede todo ser manifestado, condicionado.**

E, embora desconhecida, essa realidade absoluta é a base de toda a vida.

A segunda proposição fundamental: Ciclicidade

*A Eternidade do Universo in toto em sua totalidade como um plano sem limites; periodicamente 'o cenário de inúmeros Universos que se manifestam e desaparecem incessantemente', chamados de 'as estrelas que se manifestam' e as 'centelhas da Eternidade'.**

Todos os seres são 'centelhas da eternidade' imperecíveis, passando alternadamente por fases de vida ativa e descanso interior (sono ou morte), em um processo cíclico incessante.

A terceira proposição fundamental: A equivalência essencial de toda vida

*A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma Suprema Universal, sendo esta última, por sua vez, um aspecto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória de cada Alma - uma centelha da primeira - através do Ciclo de Encarnação (ou 'Necessidade') de acordo com a lei cíclica e kármica, durante todo o período.**

A mesma Vida Única flui através dos corações de tudo o que existe. Tudo está vivo. Não há matéria morta. Portanto, tudo é essencialmente igual. Tudo possui latente as mesmas faculdades que o todo maior do qual faz parte (Alma Suprema) e gradualmente desdobra essas faculdades inerentes, reincorporando-se constantemente (segunda proposição). Esse crescimento da consciência sempre ocorre em interação e é ilimitado (primeira proposição).

* Fonte: H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*. Volume I, p. 43-47 (paginação edição original).

Para mais explicações, consulte nosso website:
blavatskyhouse.org/about-us/what-is-theosophy/

Editorial

página 38

O segredo por trás do Sermão da Montanha – parte 1

As Bem-aventuranças

página 39

O *Evangelho de Mateus* tem o lindo Sermão da Montanha, que é tão relevante hoje quanto era há dois mil anos. Em três artigos, *Lúcifer* mostra o valor dessa joia cristã.

Barend Voorham

O Clamor das Nações pela Paz

Página 46

O mundo atual é um lugar de conflitos e sofrimento, e para muitos a paz parece um ideal inatingível. No entanto, existe uma chave para a paz duradoura. Neste discurso, Katherine Tingley nos convida a viver em fraternidade, o único caminho para a paz.

Katherine Tingley

Você percebe o que vive dentro de você

Não se concentre apenas no que é visível

página 48

No ano passado, a Sociedade Teosófica completou 150 anos. Resumindo, o objetivo dela é alcançar a fraternidade universal. O que esse impulso trouxe depois de 150 anos? O ponto de vista a partir do qual essa pergunta é feita determina a compreensão da resposta. Isso pode parecer um pouco abstrato, mas vamos explicar neste artigo.

Erwin Bomas

O desafio que a liberdade nos oferece

página 52

Liberdade. Poucas coisas evocam tantas associações quanto a liberdade. Em todas as suas formas e tipos: a liberdade – ou a falta dela – é sempre um fator em nosso pensamento e, portanto, em nossa percepção do mundo. Neste artigo, queremos mostrar como nosso pensamento sobre a liberdade pode colocar alguém à prova.

Rob Goor



Monumento à Emancipação e à Liberdade na Ilha Brown, em Richmond, Virgínia.

Educação teosófica

página 55

Como educamos nossos filhos à luz das leis universais, como a reencarnação e o karma? O objetivo deste artigo é oferecer uma visão geral sobre o assunto, incluindo várias sugestões para colocar os princípios em prática.

Henk Bezemer

O mapa astral

Fundamentos da astrologia, parte 4

página 62

Na nossa série de artigos sobre os fundamentos da astrologia, chegamos agora à questão do que é um mapa astral, por que ele reflete nosso caráter e de que partes ele é composto. Também discutiremos sua possível utilidade. Para isso, vamos nos basear no panorama geral que traçamos nas três edições anteriores.

Grupo de estudo

Perguntas e respostas

p. 69

» Karma é Ātman

Agenda

p. 71

» Palestras aos domingos, Abril - Junho

Editorial

A Teosofia abrange um vasto campo de pensamentos e ideias. Tudo está conectado e inter-relacionado. Os editores da revista *Lúcifer, o Portador da Luz*, muitas vezes têm dificuldade em manter o foco no cerne do assunto e não se desviar para questões secundárias, que são interessantes por si só.

Às vezes, um único artigo não é suficiente para transmitir a visão teosófica sobre um determinado tema. Isso certamente se aplica aos ensinamentos abrangentes da astrologia esotérica. Esta edição apresenta o quarto artigo de uma série de cinco sobre o tema. Os autores provavelmente estão mais cientes do que o leitor de que ainda há muito a ser mencionado sobre esse assunto. No entanto, esses quatro artigos fornecem uma visão muito clara do universo e da humanidade, como parte inseparável dele.

Há também muito a dizer sobre o texto relativamente curto *do Evangelho de Marcos, o Sermão da Montanha*. Em três artigos, queremos demonstrar sua profundidade e, mesmo assim, certamente não teremos dito tudo o que há para dizer sobre ele. Nesta edição, você encontrará a primeira parte.

Os leitores que foram criados na tradição cristã podem se surpreender com a quantidade de conhecimento esotérico presente no *Sermão da Montanha*. Todos os leitores terão que concluir que, se a ética do *Sermão da Montanha* já fosse apenas parcialmente vivida, nosso mundo turbulento seria muito mais harmonioso.

Mas como aprendemos a viver de acordo com essa ética? Devemos começar com os jovens?

Então, precisamos ter um bom método de educação. Nos 150 anos de existência da Sociedade Teosófica, adquirimos bastante experiência nessa área. Mas não é apenas necessário ter um bom método de educação. Não são apenas os jovens que precisam ser educados; os mesmos princípios educacionais podem ser aplicados aos adultos: que ofereçamos uns aos outros muito mais oportunidades espirituais e mentais – e, claro, também físicas – de desenvolvimento.

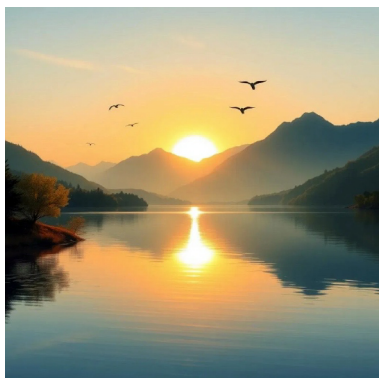
Os educadores muitas vezes acreditam que as pessoas devem ter a oportunidade de crescer como indivíduos livres. Mas a liberdade pode existir sem responsabilidade? A resposta a essa pergunta mostra que a liberdade representa grandes desafios para as pessoas, especialmente em relação às suas motivações internas. Como podemos usar nossa liberdade para o bem comum?

Esse bem comum – ou viver a Fraternidade Universal – é um dos principais pilares da Sociedade Teosófica. Às vezes, pensa-se que a metafísica teosófica é separada disso. Nada poderia estar mais longe da verdade. É precisamente quando abrimos nosso ‘olho interior’ e percebemos os laços inseparáveis entre todas as expressões da vida e enxergamos através da ilusão que nossos ‘olhos externos’ tentam nos fazer acreditar, que compreendemos que a ética não se baseia em convenções humanas.

Por fim, nesta edição, você encontrará uma resposta abrangente à observação integradora de um dos Mahâtmas de que o Karma é Âtman.

Mais uma vez, tentamos compilar uma edição equilibrada da revista *Lúcifer, o Portador da Luz*, que esperamos que forneça alimento para o pensamento, mas também inspire a aplicação das ideias teosóficas na vida. O mundo precisa disso mais do que nunca.

Os editores



O segredo por trás do Sermão da Montanha

parte 1: As bem-aventuranças

Ideais-chave

- » Na literatura esotérica, escalar uma montanha significa elevar-se a um estado de consciência superior.
- » No *Sermão da Montanha*, Jesus representa o Mestre de uma Escola de Mistérios.
- » A ética do *Sermão da Montanha* é universal e baseia-se principalmente no budismo.
- » As Bem-aventuranças descrevem as qualidades que um aluno de uma Escola de Mistérios deve possuir.
- » A primeira Bem-aventurança foi traduzida incorretamente: ela não se refere aos 'pobres de espírito', mas àqueles 'que têm fome do espírito'.
- » A doutrina do karma está entrelaçada no *Sermão da Montanha*.
- » Aqueles 'perseguidos por causa da justiça' referem-se às provações que o discípulo deve superar.

O *Evangelho de Mateus* contém o belo *Sermão da Montanha*, que é tão relevante hoje quanto era há dois mil anos.

Em três artigos, *Lúcifer* demonstra o valor dessa joia cristã.

Há algo estranho no *Sermão da Montanha*. Por um lado, as pessoas consideram esse discurso o resumo sublime do cristianismo, mas, por outro lado, poucos cristãos tentam aplicar os ensinamentos em suas vidas. Não seria prático, dizem eles. No entanto, presume-se que ele contenha as palavras de Jesus. Os teólogos acreditam que Jesus não necessariamente falou essas palavras literalmente. Dizem que se trata de uma compilação de vários de seus discursos. Há declarações correspondentes em outros evangelhos, como o apócrifo *Evangelho de Tomé*. No entanto, o Sermão da Montanha se baseia nas *logia*, nas palavras ditas por Jesus Cristo. Por trás do Sermão da Montanha, entretanto, há um segredo esotérico. A chave está no fato de que, como o nome sugere, esse discurso atribuído a Jesus é proferido em uma montanha.

A função da montanha

Para o leitor superficial, pode ser um detalhe sem importância o fato de esse discurso de Jesus estar situado

em uma montanha. Entretanto, na linguagem simbólica universal, uma montanha simboliza a construção do cosmos. Seu pico aponta para cima, para os mundos espirituais. A base é formada pelos mundos materiais, os mundos nos quais vivemos e existimos. Em uma história religiosa, quando os seres humanos escalam uma montanha, isso significa que eles estão se elevando aos mundos mais espirituais e divinos.

Isso aconteceu com Moisés quando ele recebeu os Dez Mandamentos. Os primeiros versos do Alcorão foram revelados a Maomé em uma montanha perto de Meca. Os deuses da mitologia grega vivem no Monte Olimpo, assim como há inúmeras montanhas sagradas no Himalaia, que são a morada de seres divinos. E há numerosos sūtras budistas nos quais o Buddha, assim como Jesus, sobe uma montanha para ensinar seus discípulos. Portanto, quando Jesus subiu a montanha, ele se elevou aos mundos mais espirituais, aos reinos mais elevados de consciência.

Abrindo a boca — Professor em uma Escola de Mistérios

Jesus levou algumas pessoas para aquela montanha. É até mesmo dito enfaticamente que ele as levou para longe do barulho da sociedade, das massas. Literalmente, diz: “Vendo as multidões, Jesus subiu ao monte e se assentou. Seus discípulos aproximaram-se dele.”⁽¹⁾ É como se ele estivesse fugindo da multidão.

Em seguida, diz: “E, abrindo a boca, ensinava-os, dizendo...”⁽²⁾ Nas traduções modernas da Bíblia, essa frase foi omitida, presumindo-se que é lógico abrir a boca quando se fala. O desconhecimento da linguagem dos mistérios causa mais degeneração, porque esse abrir da boca, uma observação *aparentemente* óbvia, tem um significado claro para aqueles que conhecem a linguagem dos símbolos. Explicaremos isso destacando o papel que Jesus desempenha e quem são os homens que ele leva consigo para a montanha.

Jesus é um Mestre e está se dirigindo a discípulos especiais que já deram alguns passos no caminho interior da expansão da consciência. Eles são estudantes que fizeram o compromisso solene de se esforçar para viver em sua natureza superior. Eles são discípulos de um Mestre espiritual. Eles sobem a montanha. Ou seja, eles têm sede de conhecimento espiritual e esotérico. Eles são separados por Jesus e recebem instruções especiais.

No final do Sermão da Montanha, na famosa passagem sobre as pérolas que não devem ser lançadas aos porcos, afirma-se enfaticamente que esses ensinamentos não são para as massas. O ensino espiritual não vem sem obrigações. Portanto, ele é dado somente aos homens e mulheres que demonstraram na prática de suas vidas que são dignos de receber esses ensinamentos. Tudo isso mostra que o Sermão da Montanha é uma representação de uma Escola de Mistérios.

As Escolas de Mistérios existiram em toda a antiguidade. São escolas nas quais a Sabedoria Antiga – Theosophia – era estudada. Elas sempre exerceram uma influência benéfica sobre a sociedade.

Quem quer que tivesse autoridade nessa Escola de Mistérios – quem quer que tivesse chegado a conhecer os ensinamentos como corretos com base em suas próprias experiências – tinha permissão para atuar como Mestre. Ele tinha permissão para falar. Nas antigas línguas de mistério, isso era chamado de ‘abrir a boca’. Portanto, Jesus era alguém que podia falar com autoridade, porque para ele os ensinamentos não eram apenas teoria, mas porque ele mesmo os havia experimentado como verdadeiros. E ele viveu de

acordo com essa verdade. Portanto, no final do Sermão da Montanha, diz-se que as pessoas ficaram maravilhadas, porque ele as ensinava como ‘alguém que tem autoridade e não como os escribas’.

O Sermão da Montanha [Mateus 5-7] é composto dos seguintes elementos:

- Jesus leva os discípulos para o alto da montanha. (Os ensinamentos destinados aos discípulos no Caminho interior).
- As beatitudes.
- A tarefa dos discípulos (o sal da terra; o cumprimento da lei).
- As exigências feitas aos discípulos: não mate, não se irrite, reconcilie-se com seus irmãos (seja gentil com a outra parte), não cometa adultério, não jure, não resista ao maligno (depois de bater na face direita, vire a esquerda), ame seu inimigo, faça o bem sem esperar recompensa por isso (não deixe a mão direita saber o que a esquerda faz).
- Orar em silêncio (Pai Nosso).
- Não ter hipocrisia (durante o jejum, não ter um semblante sombrio).
- Viver em um estado de pobreza (não acumular tesouros na terra).
- Viver despreocupado.
- Não julgue.
- Dar os ensinamentos somente àqueles que estão aptos a recebê-los (não dá de pérolas para porcos).
- Ore e lhe será dado.
- A entrada no Reino é para poucos.
- Cuidado com os falsos profetas (pelo fruto se reconhece a árvore).

Sūtra budista

Qualquer pessoa familiarizada com a literatura religiosa – especialmente a do Oriente – não encontrará nada original no Sermão da Montanha. Acima de tudo, há muitas semelhanças com o budismo.

O budismo é a doutrina ensinada por Gautama Siddhārtha, o chamado Buddha histórico, mais de quinhentos anos antes do suposto aparecimento de Jesus. Sob sua liderança, também foi fundada uma ordem monástica, na qual se juntavam pessoas que se afastavam dos deveres mundanos – como constituir uma família – e se dedicavam inteiramente ao desenvolvimento da espiritualidade.

Havia uma hierarquia nessa ordem: os ensinamentos mais esotéricos eram reservados para os alunos mais avançados,

que haviam se mostrado capazes de cumprir uma disciplina mais rígida.

Após a morte do Buddha, seus ensinamentos se espalharam gradualmente por amplas camadas da população. Cerca de trezentos anos após sua morte, o grande rei Aśoka reinou, fundamentando o *Dharma*, a *Lei Universal*, conforme ensinada pelo Buddha, em amplas camadas da vida social. Emissários espalharam o *Dharma* por todos os cantos do mundo. Por exemplo, sabe-se que os filhos de Asoka levaram o budismo para o Sri Lanka. Mas os emissários de Aśoka também foram para o oeste, para o que hoje é chamado de Oriente Médio e além.

Naquela época, uma variedade heterogênea de povos vivia no Oriente Médio. O helenismo havia se enraizado com as guerras de conquista de Alexandre. A influência da antiga fé persa era grande. Além disso, havia muitos grupos e seitas judaicas, como os essênios, os terapeutas e outros. Muitos dos ensinamentos desses grupos são desconhecidos, mas o que sabemos deles hoje é que suas ideias estão maravilhosamente alinhadas com o que pode ser chamado de budismo monástico.

Dos essênios, por exemplo, são conhecidos seu vegetarianismo, sua vida de reclusão, sua estrita não-violência, seu ascetismo e sua abstinência sexual. Essas são coisas que estão igualmente entre os costumes dos mosteiros budistas e que são exigidas no Sermão da Montanha.⁽³⁾

Com isso, basicamente indicamos a fonte do Sermão da Montanha.

Oculto no Sermão da Montanha está um código de conduta de uma Escola de Mistérios, especificamente a dos essênios. Esses essênios eram de fato budistas.⁽⁴⁾ Eles aderiram aos ensinamentos de sabedoria dados pelo grande Gautama, o Buddha, e transmitidos do Oriente por seus discípulos. Esses ensinamentos estavam estreitamente alinhados com certos princípios e doutrinas esotéricas judaicas.

Isso, por si só, faz sentido porque os ensinamentos são universais. Portanto, eles são conhecidos sob muitos nomes e jaquetas. O grande sábio que deve ter tido o nome de Josué, o Nazareno, e que agora é conhecido pelo nome de Jesus, o Cristo, foi treinado e formado dentro desse grupo dos essênios.

Portanto, há uma linha direta do budismo para o cristianismo, assim como, a propósito, há uma linha direta de Gautama, o Buddha, para Jesus.

Em essência, o Sermão da Montanha é puramente budista. Não há nenhuma doutrina, nenhum mandamento, nenhum conselho, nenhum princípio que não seja encontrado nas escrituras budistas e especialmente no *Pratimoksha Sūtra*. Esse sūtra contém as regras para a ordem monástica dos monges budistas.

Pratimoksha Sūtra

Um *Sūtra* inteiro – uma escritura sagrada – é dedicado à disciplina dos *Bhikshus* (monges). Esse chamado *Pratimoksha Sūtra* contém 227 regras às quais os *Bhikshus* devem aderir. Essas 227 regras do Pratimoksha podem ser consideradas como votos que alguém faz. Juntas, elas constituem o que é chamado de *Vinaya*.

Vinaya é geralmente traduzido como disciplina e, em si, essa é uma tradução correta. Literalmente, a palavra significa ‘levar embora’. Isso significa que os erros são eliminados ao seguir essas regras. *Pratimoksha* significa liberação individual. Portanto, as regras – a disciplina – são necessárias para que se possa alcançar a liberação do sofrimento.

As 227 regras podem ser divididas em quatro categorias.

1. Não violência
2. Relacionamentos
3. Posses e sacrifícios
4. Bom modo de vida para o Bhikshu (monge).

Não violento significa evitar causar danos aos outros em todos os momentos e por todos os meios. Isso significa que

você não deve matar seres humanos ou animais. Nem mesmo uma planta deve ser privada da vida. Você nunca deve retribuir o mal com o mal.

Em *relacionamentos*, é descrito como os *Bhikshus* devem tratar os outros: leigos e monges, mulheres e homens. Entre outras coisas, espera-se que eles levem uma vida estritamente celibatária.

Um Bhikshu pode chamar de sua posse apenas seu hábito, mendicância e mais algumas bagatelas. Essas regras equivalem a um hino à pobreza.

Finalmente, elas descrevem como os *Bhikshus* devem ensinar o *Dharma*. Pois, embora vivam isolados do que pode ser chamado de sociedade, eles também fazem parte dela. Assim, eles saem para pedir comida, mas também ensinam o *Dharma* a todos.

Uma dessas regras é, por exemplo, o fato de que um *Bhikshu* nunca deve se vangloriar de nenhuma habilidade ou dom psíquico.

Bem-aventuranças

Portanto, vimos que Jesus tem permissão para abrir a boca, ou seja, ele pode ensinar com autoridade. A primeira coisa que ele apresenta a seus discípulos são as chamadas *bem-aventuranças*. Essas são de caráter puramente budista.

A palavra ‘bem-aventurança’ é geralmente interpretada como um estado de felicidade, especialmente felicidade espiritual. Existem traduções que iniciam cada bem-aventurança com a palavra ‘feliz’. Consideramos essa tradução um pouco inadequada do texto original em grego. O que em português é traduzido como bem-aventurança ou felicidade é uma tradução do grego *makarios*.

Makarios é derivado do grego *makar*. Por sua vez, diz-se que essa palavra está relacionada ao sânscrito *mahā*. Essa palavra sânscrita, que literalmente significa ‘grande’, sempre indica aspectos espirituais e divinos da consciência. A palavra *Mahātman* – ‘grande Alma’ ou ‘grande Ser’ – é um exemplo claro disso.

O grego *makarios* representa qualidades que também são atribuídas aos deuses. Portanto, há também uma relação entre essa palavra e a imortalidade. Afinal de contas, os deuses são os imortais.

Quando *makarios* se refere ao homem – como é o caso no Sermão da Montanha – trata-se da parte imortal do homem, ou seja, dos aspectos espirituais e divinos dentro de nós. O Mestre Jesus não se dirige ao ser humano pessoal, mas à parte espiritual e permanente que existe em nós. Essa parte imortal não surge ou surge subitamente quando você morre, mas é desenvolvida na Terra. As palavras de Jesus servem para despertar essa parte.

Levando isso em consideração, podemos concluir que essas bem-aventuranças significam algo bem diferente do que geralmente se supõe. Ou seja, somos bem-aventurados – vivendo na parte mais elevada de nossa consciência – se tivermos desenvolvido algumas características.

Jesus abre a boca e declara que as seguintes pessoas são abençoadas:

- os mendigos, os famintos de espírito
- os que choram
- os mansos
- que têm fome e sede de justiça
- os misericordiosos
- os limpos de coração /
- os pacificadores
- os perseguidos por causa da justiça
- os perseguidos por causa de Cristo

Os que imploram por espírito

A primeira bem-aventurança difere muito da versão ‘oficial’. Enquanto nós falamos daqueles que imploram ou mendigam por espírito, a tradução portuguesa da Bíblia fala dos ‘pobres de espírito’. Aparentemente, muitas pessoas não pensam no que a Bíblia nos diz, pois seria muito estranho e improvável que os pobres de espírito fossem abençoados. Seria abençoado o homem que só tem olhos para o seu próprio interesse, que fica sentado sem pensar assistindo à TV e jogando videogame a noite toda e só se assusta quando seu próprio interesse corre o risco de ser perturbado? Isso prova que as pessoas não *leem* suas Bíblias, caso contrário, teriam percebido essa incongruência imediatamente.

Mas os teólogos não leem a Bíblia? Eles não aprenderam grego durante seus estudos? Talvez eles não percebam esse erro de tradução porque têm uma certa ideia do homem como um pobre pecador que depende da graça divina para sua salvação.

Seja qual for o caso, o texto original não afirma que os pobres de espírito são abençoados. Essa é uma tradução errônea do grego. É importante entender isso bem, porque a primeira bem-aventurança é essencial para entender as outras.

Para demonstrar a incorreção dessa afirmação, é bom citar o original grego. Que diz, em transliteração: *Makarioi* (bem-aventurados) *hoi* (os) *ptoochoi* (mendigos) *tooi* (para) *pneumati* (espírito) *hoti* (para) *autoon* (deles) *estin* (é) *hè* (ele) *basileia* (reino) *toon* (do) *ouranoon* (céus).

A questão principal aqui gira em torno da palavra *ptoochoi*, que é traduzida como ‘pobre’. No entanto, *ptoochoi* é o plural de *ptoochos*, que significa ‘mendigo’. Os mendigos são pobres, mas nem todos os pobres são mendigos. Portanto, a tradução está incorreta. Somente aqueles que percebem que são pobres e pedem comida são mendigos. Aqueles que estão implorando pelo espírito, aqueles que anseiam pelos mundos espirituais, aqueles cuja consciência está concentrada neles, são bem-aventurados. Isso faz sentido.

Podemos comparar bem isso com Sócrates. Esse sábio grego foi chamado de o mais sábio de Atenas pelo oráculo de Delfos, embora ele próprio soubesse que não era sábio. Mas ele era como um mendigo em busca de sabedoria. Ele tinha fome de sabedoria.

Concentrar-se na sabedoria, no espírito (*pneuma*), leva à inspiração desse espírito. Inspiração significa literalmente soprar e *pneuma* significa literalmente ‘respiração’. Quando você ‘implora’ por ‘respiração espiritual’, você se

concentra nesse espírito, no pneuma. Você é inspirado por ele, torna-se *makarios*, bem-aventurado.

Agapè

O que mais chama a atenção é que, de fato, só são abençoados aqueles que, na visão geral de hoje e, aparentemente, também de dois mil anos atrás, são os fracos. A força é comumente associada à força física, aos músculos, às armas, à robustez, a uma personalidade forte.

Mas o que essas bem-aventuranças sugerem é que há outro tipo de força. O poder de *agapè*, como diz a palavra grega, o poder do amor. Pessoas que sofrem, que são misericordiosas, que são perseguidas, todas elas anunciam esse outro tipo de poder, e esse poder é muito mais forte do que a força física bruta.

Essas são, em outras palavras, várias características que os discípulos, reunidos na montanha, o símbolo dos mundos espirituais, devem desenvolver. No próximo artigo, daremos uma olhada mais de perto em *agapè*.

Portanto, você deve estudar essas bem-aventuranças e as características que cada uma delas representa em sua totalidade. Devemos desenvolver e aperfeiçoar essas características para atender às demandas que nos são impostas, pelo menos se quisermos ser alunos da Escola de Mistérios de Jesus.

Causa e efeito

Portanto, todas essas pessoas que são bem-aventuradas – e que, portanto, representam uma determinada característica – recebem a promessa de uma recompensa. Ou, na verdade, não é uma recompensa. É uma consequência da

característica que elas exibem. De fato, há uma alusão aqui à lei de causa e efeito, ao karma. Um pensamento, aliás, que não é estranho à Bíblia. Por exemplo, Paulo escreve aos Gálatas: “... pois o que o homem semear isso também colherá.”⁽⁵⁾

Portanto, a causa de uma determinada característica leva a uma determinada consequência. Isso é claramente evidente nas bem-aventuranças. Basta ver:

“Bem-aventurados os mendigos de espírito, porque deles é o reino dos céus.” (Mateus 5:3)

Essa é uma linha de pensamento extremamente lógica. Se você estiver concentrado no espiritual, então, como resultado, viverá nesses reinos espirituais de consciência; você viverá no Reino dos Céus.

Reino dos Céus

Ouranos – ou na forma plural genitiva *Ouranoon* – que é corretamente traduzido como ‘dos céus’, é um conceito filosófico grego, relacionado ao sânscrito *Varuna*, o deus da água ou do mar. Esse deus do mar, no entanto, não é Netuno, mas o deus das Águas do Espaço, sobre as quais, de acordo com o *Gênesis*, o Espírito de Deus (os *Elohim*) pairava.⁽⁶⁾ O Reino dos Céus denota um estado cósmico no qual se experimenta a unidade de todas as coisas. É esse estado que o mendigo do espírito alcança. Não como graça, mas como resultado de seu foco no espírito. Você colhe o que semeia. Você obtém aquilo com que se identifica. E se você se identificar com o espírito, será bem-aventurado, porque a existência material envolve sofrimento e tristeza, mas o espírito se eleva acima disso.



Sufrimento

Então: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.”⁽⁷⁾

Pelo que as pessoas realmente se lamentam? Não é principalmente por coisas materiais? Assuntos da terra, do lado ilusório da natureza? Tudo passa. Você perde sua juventude. Você fica mais fraco e talvez doente. Você lamenta a perda de entes queridos. Você percebe que toda felicidade passa. Essa verdade simples foi formulada pelo Buddha da seguinte forma: *Todas as coisas manifestadas são acompanhadas de tristeza e sofrimento*. Entretanto, se você pensar mais profundamente sobre isso, perceberá que o sofrimento tem uma causa e pode ser removido. Então, surge o consolo.

Você só pode explicar essa bem-aventurança se a vincular à anterior, o fato de que os mendigos de espírito são bem-aventurados. Pois assim você perceberá que no material em si nunca há satisfação duradoura.

Ninguém pode crescer em verdadeira espiritualidade a menos que tenha sofrido. Como resultado, seu coração e sua alma se sintonizaram com os sofrimentos do mundo. Portanto, o sofrimento é nosso amigo porque nos faz perceber a relatividade da existência externa, expande nossa consciência e nos permite coincidir com nossos irmãos no caminho interior. Se você tiver experimentado essa força unificadora com o demais da vida, com seus semelhantes, sim, com tudo o que vive, então será consolado: consolado pelo espírito.

Assim, a colheita dos ‘mansos’ será a de herdar o reino terreno. E aqueles que ‘têm fome e sede de justiça’ serão saciados. ‘Os misericordiosos’ terão misericórdia. (Aqui a lei de causa e efeito é mostrada com bastante clareza. Se você for misericordioso, então a misericórdia virá até você). E, finalmente, quem for puro de coração verá Deus.

O Deus do Sermão da Montanha

Quem é o Deus do Sermão da Montanha? É o mesmo Deus do Antigo Testamento, o Deus cruel, ciumento, parcial e tribal, que tinha um povo escolhido? Até mesmo um ser humano raramente discrimina de forma tão grosseira. Portanto, a resposta deve ser ‘não’.

Mas então quem é esse Deus?

O que chama a atenção no Sermão da Montanha, e também em todo o Novo Testamento, é que esse Deus é mencionado com frequência pelo nome de Pai, ou Pai nos Céus. Isso já deveria nos dar uma pista clara.

Um pai é um ser que dá à luz outro ser a partir de si mesmo. E então, quando se fala do Pai nos Céus (*ouranos*), enfatiza-

se ainda mais que esse Pai permanece em sua própria esfera divina e celestial, mas de si mesmo nos gera. Portanto, o que esse Pai gera deve ser da mesma qualidade divina.

Uma rosa gera uma rosa; um leão sempre gera um leão. Deus, o Pai, nos gera. Nós, seres humanos pessoais, somos a progênie, os corolários desse Pai, e somos, por essa razão, essencialmente da mesma qualidade divina.

Portanto, podemos dizer corretamente que nosso Pai é nosso deus interior, é um aspecto universal dentro de nós do qual nós, seres humanos pessoais, surgimos. Também do Reino dos Céus se diz que está dentro de nós. Um pouco mais adiante, no Sermão da Montanha, Jesus nos diz que devemos entrar em nosso quarto interior se quisermos entrar em contato com nosso Pai, se quisermos nos comunicar com ele – ou talvez seja melhor dizer comunicar com *Aquilo*. Isso só pode significar que essa divindade está dentro de nós.

Além disso, Jesus nos promete no Sermão da Montanha que, se seguirmos o mandamento de amar nosso inimigo, seremos perfeitos, “como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.”⁽⁸⁾ Tudo isso não indica que esse deus, o Pai, não pode ser outra coisa senão o mais elevado princípio de consciência dentro de nós? Se amarmos tudo indiscriminadamente, seremos perfeitos como o Deus interior.

Os perfeitos: os iniciados

Os teólogos, que presumem que o homem é mau, nunca foram capazes de explicar adequadamente o termo ‘perfeito’. De acordo com os dogmas das igrejas cristãs, o homem é pecador e só pode alcançar a salvação por meio da graça e do perdão. Mas como então eles explicam o fato de Jesus nos dizer que, se amarmos todas as coisas e especialmente nosso inimigo, seremos perfeitos como nosso Pai – nosso Eu Superior?

Paulo também usa a palavra ‘perfeito’ com frequência. É um termo dos Mistérios, usado para designar iniciados. Esses iniciados são seres humanos que entraram em contato com sua divindade inerente. De fato, todo ser humano é filho de seu deus interior. Somos um raio de nosso deus interior, envolto em matéria. E quando um ser humano se entrega a essa matéria, ao egoísmo, à violência e à separação, ele se afasta de sua Fonte, de seu Pai, de seu solo primordial do qual ele surgiu. Entretanto, se ele se livrar desses excessos terrenos – ou seja, se for ‘limpo de coração’ – ele será absorvido pela Fonte de onde veio. Então, ele verá seu próprio Deus interior.

Devemos ser limpos de coração. Devemos ter motivos puros e metas altruístas e, por meio do processo de

iniciação, ficaremos face a face com nosso Pai Celestial e até mesmo nos tornaremos um com Ele.

Em consonância com isso está a seguinte bem-aventurança: “Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus.”⁽⁹⁾ A paz e a harmonia infinitas são atributos da divindade interior. Quando fazemos a paz entre grupos beligerantes – humanos que vivem em desarmonia – traduzimos esses atributos divinos para a prática da vida diária e, portanto, somos filhos de nosso Deus interior.

Perseguições: provações

Finalmente, “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.”⁽¹⁰⁾; e se você for perseguido ‘por causa de Cristo’, a recompensa também será grande no céu.

A que se referem esses processos? A algo fora de você? A tiranos que o perseguem? Ou tem a ver com *tiranos internos* que o perseguem? Essas duas últimas bem-aventuranças não poderiam indicar algo que chamamos de provações e tribulações?

Depois que batemos no portão místico da Escola de Mistérios e ele é aberto para nós, e prometemos, por meio de um juramento sagrado, praticar e viver os princípios da Theosophia, nossa vida de repente parece muito mais difícil. Todos os tipos de desafios e problemas nos assolam. Os amigos se afastam de nós, dificuldades desconhecidas se aproximam, e todas essas provações surgem ‘por minha causa’, por causa de Cristo.

Mas você deve se perguntar se Cristo aqui é o Mestre da Escola de Mistérios ou se ele se refere ao Cristo interno, o idealismo espiritual e impessoal e a compreensão no homem que foi despertada. E é difícil manter o ideal espiritual e altruísta num mundo governado pelo egoísmo e pelo desejo.

Esses desafios podem ser tão grandes e intensos que nos deixam doentes. Eles nos deixam com febre. Nas Escolas de Mistérios, esse estado psicológico era chamado de febre de promessa. É como se estivéssemos sendo perseguidos. A inquietação surge em nós.

A natureza das tribulações é a discórdia dentro de nós. Uma luta interna está ocorrendo. Isso é simbolicamente representado pela espada que Jesus nos trouxe e com a qual devemos lutar.⁽¹¹⁾ Mas não se trata de uma batalha contra ditadores, é uma batalha interna entre nosso eu inferior e o Eu superior. Essas provações surgem porque apelamos para nossa natureza superior, para nosso Pai Celestial. Portanto, somos perseguidos por todos esses

aspectos inferiores, esses aspectos mundanos, os lados mais materiais de nossa consciência. Podemos chamar isso de nossa personalidade, em um termo geral.

A personalidade é testada, e isso é bom, pois por meio dela podemos ser ‘salvos’, desde que, pelo menos, saibamos como passar nesses testes.

Resumo

Se quisermos resumir essas bem-aventuranças, podemos dizer que não é a graça de um deus desconhecido que nos torna abençoados. Há certas qualidades que podemos desenvolver e que nos permitirão alcançar a bem-aventurança por meio de nossos próprios esforços. Essa é a primeira e talvez a mais importante lição que Jesus ensina a seus discípulos na montanha.

No artigo a seguir, discutiremos como o Sermão da Montanha nos ensina que nunca devemos resistir ao mal com o mal.

Referências

1. Mateus 5:1
 2. Mateus 5:2
 3. H.P. Blavatsky, *Isis Sem Véu [Isis Unveiled]*, 2 volumes, pp. 196 e 323, edição original em inglês.
 4. Veja ref. 3, vol. 2, p. 42, e p. 491, edição original em inglês.
 5. Gálatas 6: 7.
 6. Gênesis 1: 2.
 7. Mateus 5:4
 8. Mateus 5: 48.
 9. Mateus 5:9
 10. Mateus 5:10
 11. Mateus 10: 34.
-



O clamor das nações pela paz

O mundo atual é um lugar de conflitos e sofrimento, e para muitos a paz parece um ideal inatingível. No entanto, existe uma chave para a paz duradoura. No discurso abaixo, Katherine Tingley nos convida a viver em fraternidade, o único caminho para a paz.⁽¹⁾

É uma grande reflexão sobre a mente de uma nação que haja guerra em vez de paz, força bruta em vez das forças da mente e da alma. Pois o pensamento humano é imensurável em seu poder, e a Vontade Espiritual poderia trazer a paz universal e mantê-la absolutamente, se o homem apenas a evocasse.

As nações estão orando pela paz; mas a paz duradoura nunca poderá ser alcançada até que o espírito da verdadeira Fraternidade se manifeste nos corações dos homens.

Não podemos esperar a paz universal imediatamente; conheço muito bem a natureza humana para isso. Devemos aprender a confiar uns nos outros primeiro, tanto indivíduos quanto nações, e devemos ampliar nossas ideias sobre o significado da Fraternidade. Em todas as nações hoje, encontramos grandes mentes dedicadas a esse problema, homens e mulheres sinceros que estão profundamente interessados no bem-estar do mundo.

Mas, oh, quanto tempo é desperdiçado, quanto esforço mental é gasto, quantas energias são gastas para criar uma nova ordem das coisas em nome da paz – enquanto se perde de

vista a maneira verdadeira, simples e única de fazê-la. A fraternidade é o caminho; essa é a tônica da nova era. *Fraternidade Universal significa Paz Universal.*

Os homens podem falar de paz e trabalhar pela paz, mas isso é uma zombaria, a menos que tentem encontrar a paz dentro de suas próprias naturezas. Você não pode obter o poder de ajustar os assuntos cívicos, muito menos os assuntos internacionais, até que comece a se ajustar a si mesmo.

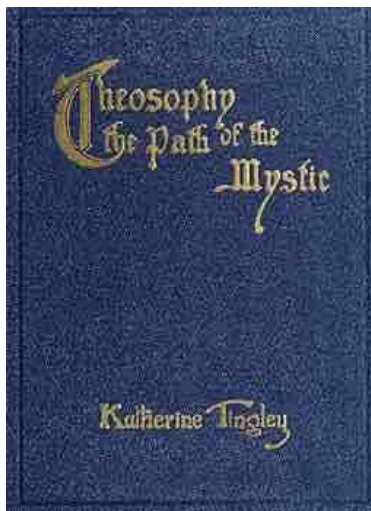
“Mas”, alguma mente judicial pode dizer, “como podemos manter as nações do mundo em paz quando existem diferenças, diferenças aparentemente irreconciliáveis?” Minha resposta deve ser: o que mantém uma família unida quando surgem diferenças? O parentesco, o amor básico de irmão por irmão, que está presente em sua vida. Isso será suficiente para mantê-la unida sempre, se ela tiver crescido e evoluído no espírito da justiça. Por que não, então, a família maior do mundo?

Por que a humanidade não é despertada para sua grande necessidade antes que os desastres cheguem? Por que não podemos ajudar uns aos outros



Congresso Teosófico Internacional pela Paz, Visingsö, Suécia, Junho de 1913, organizado por Katherine Tingley.

antes de sermos desafiados pelo sofrimento ou pela guerra? Por que não podemos ir além de nossas limitações, com verdadeira compaixão e amor pela justiça, e inculcar na vida humana o espírito de Fraternidade? Crescimento espiritual – esse é o ideal. É a única garantia de paz permanente. No entanto, apesar das enormes limitações, um trabalho maior pela humanidade está sendo feito, o trabalho real está realmente acontecendo. Mas acredito que ele está sendo realizado, em grande parte, no silêncio da vida. Acredito que a grande Voz divina da Humanidade, em seu aspecto mais nobre, está mesmo agora tentando alcançá-los, tentando atrair sua visão para uma vida mais grandiosa, para horizontes mais amplos, para perspectivas mais infinitas, para que possam sonhar, mesmo que por apenas uma hora, com coisas melhores. Vamos dar lugar à eterna procissão dos portadores da Paz, as correntes da Divindade sempre prontas a fluir através de



cada homem que derrubar as barreiras e evocar sua passagem. Nós somos fixos; eles mudam constantemente. Nós somos mecânicos; eles são espontâneos. A fadiga é nossa; eles são imortais, sempre nascendo e nunca desaparecendo. Vamos, desempenhando bem nosso papel, evocar o Deus da Paz, para que ele possa pairar sobre nossa bela terra e inspirar nos corações de todos uma maior tolerância e um maior amor uns pelos outros, por todas as nações e todos os povos.

Pouco depois de fundar a Sociedade Teosófica, Madame Blavatsky escreveu: “Nossa fraternidade teosófica deve lutar pela ideia de fraternidade geral em toda a humanidade; pelo estabelecimento da paz universal.” O objetivo principal de seu trabalho era formar um núcleo de Fraternidade Universal. O resultado lógico disso deve ser necessariamente a Paz Universal.

Uma cunha viva está dividindo as trevas da era mais sombria. Somos testemunhas dessa Compaixão que é a própria Luz. A hora da ação correta está aqui.

A crista da onda do esforço espiritual! Um propósito sublime e altruísta nos levará a esse ponto alto – e então virá o poder de amar e servir de uma maneira nova e mais divina.

Referência

1. Katherine Tingley, *Theosophy: the Path of the Mystic*, [Teosofia: o Caminho do Místico] Point Loma, The Aryan Theosophical Press, 1922, segunda edição, p.103-106. Baixar: <https://blavatskyhouse.org/literature/katherinetingley/theosophy-the-path-of-the-mystic/>



Você percebe o que vive dentro de você

Não se concentre apenas no que é visível

O ano passado marcou o 150º aniversário da fundação da Sociedade Teosófica. Seu objetivo, em resumo, é alcançar a fraternidade universal. O que esse impulso produziu depois de 150 anos? O ponto de vista a partir do qual essa pergunta é feita determina a compreensão da resposta. Isso pode parecer um tanto abstrato, mas explicaremos neste artigo.

Ideais-chave

» O mundo externo é apenas um reflexo do que está acontecendo internamente, em reinos 'invisíveis'.

» Se você olhar apenas com o 'olho externo' no curto prazo, não perceberá muitas das causas internas que você mesmo estabeleceu nesta e em vidas anteriores.

» Você percebe o que desenvolveu dentro de si mesmo, o que vive dentro de você.

No ano passado, comemoramos o fato de que há 150 anos a Sociedade Teosófica foi fundada por H.P. Blavatsky em nome de seus Mestres. H.P. Blavatsky foi apenas o canal para esse impulso espiritual. A iniciativa real veio da Loja de Sabedoria e Compaixão. Essa Loja é uma parceria de seres humanos que estão muito mais avançadas do que o ser humano médio em termos de evolução humana. Mas os membros dessa Loja desacceleram sua própria evolução para ajudar todos os que vêm depois deles. Eles fazem isso, entre outras coisas, enviando regularmente mensageiros que divulgam parte da Sabedoria Antiga ou Teosofia para tornar o mundo mais compassivo, sábio e pacífico; para ativar a fraternidade universal. A fundação da Sociedade Teosófica em 1875 foi uma de uma série contínua de impulsos cíclicos empreendidos pela Loja da Sabedoria para o benefício da humanidade. O que esse impulso produziu após

150 anos? De fato, este é apenas um pequeno começo. A importância desse impulso ainda é muito subestimada. Foi revelada uma sabedoria que permaneceu oculta por milhares de anos. Sabedoria que oferece soluções para todos os problemas de nossa vida e deste mundo. Sabedoria com a qual todos podem proteger seus semelhantes e a si mesmos de muitas armadilhas e, assim, poupar-lhes sofrimento. Sabedoria que, portanto, merece muito mais atenção no mundo de hoje!

Mas também é bom examinar essa mesma pergunta: 'O que esse impulso produziu?', porque o ponto de vista do qual fazemos a pergunta determina nossa compreensão da resposta. Isso pode parecer um pouco abstrato, mas explicaremos isso neste artigo.

Teosofistas se unem

A Sociedade Teosófica foi fundada para colocar em prática a fraternidade universal. Hoje, inúmeras pessoas

em todo o mundo estão trabalhando para melhorar o mundo. Elas trabalham por um ideal, protegem, ajudam ou ensinam os outros, e não deixam que nada nem ninguém as impeça. Não importa o quanto o mundo resista, elas sempre encontram forças para continuar e nunca desistem.

Essas pessoas podem ser encontradas em toda parte e são uma inspiração para os que as cercam. De certa forma, elas são os verdadeiros Teosofistas, porque vivem teosoficamente, conscientemente ou não. Essas pessoas sempre estiveram por perto. A fundação da Sociedade Teosófica oferece uma oportunidade para que essas pessoas se unam, trabalhem juntas pela fraternidade universal, adquiram mais sabedoria e enfrentem os problemas em sua raiz. Dessa forma, elas próprias podem formar um núcleo de fraternidade ativa que se expande lenta mas seguramente. Há pessoas, tanto membros iniciantes da Sociedade Teosófica quanto interessados em Teosofia, que às vezes se sentem desesperadas. Às vezes, elas têm a ideia ou a sensação de que não estão ocorrendo avanços ou mudanças. Isso não é surpreendente, pois quando olhamos ao nosso redor no mundo de hoje, infelizmente ainda vemos muita injustiça, violência, ódio e descontentamento. As pessoas começam a duvidar se o que estão fazendo faz algum sentido, se é possível alcançar um mundo melhor e se perguntam: onde estão os resultados tangíveis? Neste artigo, explicamos que você só pode encontrar a resposta para essa pergunta dentro de si mesmo: você só percebe o que desenvolveu dentro de si mesmo, o que vive dentro de você. Se você começar com as Leis da Natureza e as aplicar em sua própria vida, não haverá mais nada para se desesperar.

Como nossa existência ocorre principalmente nos reinos invisíveis

Nosso pensamento ainda não se desenvolveu em um insight perfeito. Como resultado, vemos o mundo por meio de lentes limitadas. Ainda é difícil para uma pessoa comum reconhecer as limitações de certas ideias sobre a realidade. É por isso que, neste mundo, há tanto foco no que é perceptível externamente, no que é visível. De certa forma, isso é estranho, porque a maior parte de nossas vidas acontece no reino invisível. Pense nisso. O que realmente vemos com nossos sentidos é uma pequena seção transversal da realidade. O espectro de cores que percebemos com nossos olhos é apenas uma pequena parte de um espectro infinito de vibrações. O que percebemos em um momento desaparece uma fração de segundo depois e se torna história. O que a maioria das pessoas veem como o

presente ou o aqui e agora é apenas uma pequena seção transversal da duração eterna.

Na vida cotidiana, também, muito do que fazemos é invisível. Os pensamentos que temos, o conhecimento e a experiência nos quais baseamos nossas ações, o que comunicamos, as promessas que fazemos. Mesmo que não seja expresso, isso não significa que não exista.

Isso significa que quem somos também é, em grande parte, invisível. Não somos mais a criança que éramos antes. A forma como fomos criados não é mais aparente. As escolhas que fizemos na vida não são mais discerníveis externamente. No entanto, poucas pessoas negariam que já foram crianças, que tiveram uma certa educação e que suas escolhas na vida as tornaram quem são hoje.

O mundo externo reflete os reinos internos

De acordo com a Teosofia, nosso caráter é a soma de nossos pensamentos e ações, tanto desta vida quanto das anteriores. Não somos uma folha em branco quando reencarnamos; herdamos a nós mesmos de vidas anteriores. A Teosofia afirma que existe uma Realidade absoluta, que precede tudo o que é manifestado e limitado. A Vida Una sem limites flui por todo o cosmos, do menor ao maior que podemos imaginar, visível e invisível. Existem leis universais da natureza no cosmos vivo, como a ciclicidade e a lei do karma ou causa e efeito. Essa lei afirma que toda ação produz uma consequência de caráter semelhante. E isso também se aplica a 'ações' como pensar um pensamento, mesmo que o efeito ou a consequência não seja (imediatamente) perceptível.

A Teosofia também nos ensina que a vida se manifesta em hierarquias que vão do espiritual ao material, do interno ao externo. Assim como os pensamentos podem levar a ações e se mover em direção ao reino externo, o mundo externo é um reflexo parcial do que está acontecendo internamente, em reinos 'invisíveis'. As coisas nunca acontecem por acaso; elas sempre surgem de causas que foram estabelecidas anteriormente.

Nós, humanos, somos apenas um dos muitos estágios de consciência em uma série infinita. Aprendemos a focar nossa consciência do reino externo para reinos cada vez mais internos, como o reino do pensamento. As plantas e os animais, por exemplo, estão mais concentrados em reagir instintivamente ao que acontece em seu mundo externo. Nós, humanos, por outro lado, estamos aprendendo a refletir sobre essas experiências, a pensar no futuro e a usar esses pensamentos para moldar o mundo externo a nosso gosto.

Portanto, nós, humanos, trabalhamos a partir de um reino interno invisível de pensamento nesse reino externo visível. Será que tudo isso significa que devemos simplesmente acreditar nas coisas, porque muita coisa acontece em reinos invisíveis? Não, porque você pode investigar com a mesma facilidade a realidade por trás das aparências externas, por trás do que é visível. Aprendendo a olhar para as questões externas não tanto com o ‘olho externo’, mas com o ‘olho interno’, observando sua causalidade. Isso não significa que negamos o mundo que percebemos com nossos sentidos, mas que interpretamos esse mundo de forma muito diferente com nossa consciência pensante. Em vez de ver o mundo externo como a única realidade – a ideia tacanha de que ‘o que você não vê não existe’ – passamos a entender que ele é o resultado de uma força que atua por trás dele, dentro dele ou por meio dele. Com base em uma conhecida história zen, Gottfried de Purucker descreve três estágios de ver a Verdade de acordo com isso.⁽¹⁾



A história conta como alguém chega a perceber que o visível e o invisível se fundem, atribuindo realidade ao visível por meio do invisível. Quando ele sai para investigar, inicialmente vê as montanhas e os rios como apenas montanhas e rios. Então, em um determinado momento, ele percebe que as montanhas não são as montanhas e os rios

não são os rios. Elas são apenas fenômenos externos mutáveis que surgem de uma força invisível subjacente. Uma força que é mais real e que podemos chamar de consciência viva. Mas, então, ele percebe que, embora as montanhas e os rios sejam fenômenos mutáveis, eles não estão separados da força ou consciência subjacente, que, na verdade, está em toda parte e reveste cada ser, cada átomo, e que, em essência, também é esse átomo. Com seu olho interior, ele vê que tudo é de fato um só, visível e invisível.

Você percebe o que desenvolveu dentro de si mesmo, o que vive dentro de você

A Teosofia nos ajuda a aprender a ver com esse olho interior. Ao oferecer verdades universais que foram testadas inúmeras vezes – e continuam sendo testadas – por aqueles que nos precederam. A Teosofia nos ensina que somos parte integrante do Todo. Portanto, todos os reinos também existem dentro de nós, do espiritual ao mental, do psíquico ao material. E, portanto, podemos explorá-los dentro de nós mesmos.

Podemos testar essas ideias por nós mesmos. Vejamos, por exemplo, a lei do Karma ou causa e efeito. Essa lei afirma que toda ação terá uma consequência que é semelhante em caráter à própria ação. O caráter de uma ação é muitas vezes complexo. Se você exercer força sobre um objeto, sentirá uma contraforça que é igual a ela em termos puramente físicos. Mas o que geralmente não consideramos é que todas as nossas características também desempenham um papel nisso. Por exemplo, se o ‘objeto’ for o ombro de uma pessoa no qual você coloca a mão, então, é claro, seu motivo também desempenha um papel. É uma expressão de afeto ou de desaprovação? Sem que isso seja necessariamente acompanhado de palavras, dependendo de qual dos motivos, isso já desencadeará uma resposta emocional relacionada no destinatário. Além disso, a ação é acompanhada por todos os tipos de pensamentos no âmbito mental. Assim, em todos os tipos de áreas, há uma interação de forças, de ações e reações. Às vezes, os efeitos são imediatos, às vezes, demorados. Por exemplo, talvez você só ouça uma reação a algo que disse muito mais tarde. Assim, certas consequências só ocorrem em vidas posteriores.

Se você não partir dessa lei, simplesmente aceitará muitas coisas que parecem acontecer por acaso e não pensará mais sobre elas. Assim, é menos provável que você se questione quando alguém reage a você de determinada maneira.

Se você assumir que essa lei é verdadeira, poderá começar a procurar padrões. Então, você presumirá que há uma



conexão entre tudo o que vivencia. Você estará mais inclinado a investigar quais características estão por trás de determinados eventos e também quais características determinam como você reage ou gostaria de reagir.

Em suma, o que você percebe e como interpreta isso, depende de quão ampla é sua visão da realidade. Você só pode reconhecer como verdadeira a parte da realidade infinita que explorou e vivenciou.

Se você estiver ativamente empenhado em reconhecer a unidade da vida, será mais provável que veja oportunidades de colocar essa unidade em prática. Você percebe o que desenvolveu dentro de si mesmo, o que vive dentro de você, como um carpinteiro que vê o mundo com os olhos de um carpinteiro. As ideias universais lentamente se tornam cada vez mais vivas dentro de você, e você começa a percebê-las cada vez mais. O invisível se torna visível. Você percebe padrões, reconhece leis universais que os outros não percebem.

Se você viver a partir dessa compreensão das causas internas, também entenderá por que algumas coisas se tornam realidade em um dia e outras sementes precisam de várias vidas para germinar. Quando você perceber que é assim que funciona, que as coisas mudam de dentro para fora, não cairá tão facilmente na armadilha de se apegar a resultados visíveis como consequência do trabalho interior. Como diz o *Bhagavad-Gitā*: tenha cuidado para que o fruto da ação não desapareça por causa de seu apego a ele.⁽²⁾ O conselho: aja sem agir. Em outras palavras, sem apego ao resultado. Como diz Lao-tsé: o homem sábio não faz nada, mas não deixa nada por fazer. Esqueça-se de si mesmo ao trabalhar em seus ideais.

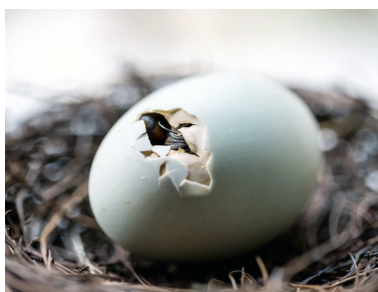
Ajuda dos reinos internos

Se você trabalhar com base nessa confiança nas leis universais, no *Dharma* ou na Lei, com base no conhecimento de que, se fizer o melhor que puder, mais cedo ou mais tarde isso dará frutos, não importa quão remota possa parecer a realização do ideal, então nada o deterá. E você perceberá que não está sozinho. Você nunca está sozinho se não se comportar como se estivesse sozinho, se sempre agir com a consciência de que é um com os outros. Se você se esquecer de si mesmo, não poderá estar sozinho. O paradoxo é que, como escreve nosso professor teosófico Gottfried de Purucker: ‘esquecendo-se de si mesmo, você encontrará o seu Eu’. E com esse Eu com letra maiúscula, ou nosso Eu Superior, queremos dizer o canal para os reinos internos mais elevados da consciência, de onde sempre flui a inspiração, que às vezes recebemos como intuições de sabedoria e compaixão.

Iniciamos este artigo com a pergunta: ‘O que esse impulso trouxe após 150 anos?’ Qualquer pessoa que dê vida aos ideais da Teosofia em sua própria vida, em algum momento não fará mais essa pergunta, porque ela mesma se tornou uma expressão do impulso.

Referências

1. G. de Purucker, ‘Three stages of visioning truth’ [‘Três etapas para enxergar a verdade’] em *Wind of the Spirit*, [Vento do Espírito], Theosophical University Press, Covina, Califórnia, 1stEd., 1944, p. 273.
 2. Por exemplo, Capítulo 2, sloka 47-51.
-



O desafio que a liberdade nos oferece

Liberdade. Poucas coisas evocam uma gama tão ampla de associações quanto a liberdade. Em todas as suas formas e tipos: a liberdade - ou a falta dela - é sempre um fator em nosso pensamento e, portanto, em nossa percepção do mundo. Neste artigo, queremos mostrar como nosso pensamento sobre a liberdade pode colocar alguém à prova.

Ideais-chave

» A essência da liberdade está em nosso pensamento.

» A liberdade sem responsabilidade é uma utopia.

» Nós não *temos* livre-arbítrio, nós *somos* o livre-arbítrio.

» A felicidade é a liberdade de ajudar a humanidade.

No cenário mundial, vemos exemplos de guerra, opressão e injustiça em que tudo o que deveria ser livre é mantido como refém em massa em uma sufocante falta de liberdade. Por outro lado, nesse mesmo mundo, vemos exemplos de ações para proteger e ajudar as pessoas em todos os lugares e para defender a liberdade de pensamento e ação. Esses são dois extremos.

O que é liberdade? Vamos mencionar três exemplos diferentes que mostram como é difícil falar em termos absolutos de (in)liberdade.

Consideramos, com razão, a liberdade de expressão como um grande bem. Mas uma declaração que deliberadamente contém imprecisões ou mentiras às vezes é apresentada injustamente como uma opinião. Outro exemplo é a liberdade dos pais de criar seus filhos de acordo com suas próprias crenças. Isso também é um grande bem. No entanto, se a criança não tiver a oportunidade de aprender a pensar de forma independente em um ambiente de mente estreita, isso impedirá sua liberdade de desenvolver seu potencial.

E ainda há o criminoso que, em sua

cela, chega à conclusão de que precisa mudar sua vida. Será que ele não é tão livre quanto o criminoso ao seu lado, que já está planejando seu próximo crime?

Assim, vemos que a liberdade de fato oferece um raio dourado de luz para a paz e o desenvolvimento externo e interno, mas também impõe condições a nós. Devemos ter a consciência ética de que a liberdade é a base de uma existência digna e justa para todos. Uma liberdade que está ancorada na sociedade, de modo que a liberdade individual nunca pode ser elevada acima do bem comum. Devemos sempre levar uns aos outros em consideração.

A essência do que significa liberdade está no pensamento. Afinal de contas, somos pensadores. Somente com nosso pensamento determinamos como lidamos com a liberdade – independentemente de quão livres somos ou pensamos que somos.

H.P. Blavatsky descreve a liberdade humana de pensamento da seguinte forma:

(...) uma prerrogativa fundamental e essencial, a da liberdade total e irrestrita de pensamento e consciência.⁽¹⁾

Uma prerrogativa fundamental e essencial! Porque, como seres humanos, somos capazes de perceber pensamentos *de nossa escolha*, incorporá-los ou ignorá-los. É claro que também há um risco envolvido: essa liberdade não impõe nenhuma condição sobre a qualidade ética dos pensamentos que usamos, consciente ou inconscientemente. Não é sem razão que Blavatsky também menciona a consciência, que pode influenciar fortemente o conteúdo ético de um pensamento.

O significado que atribuímos à liberdade é, obviamente, altamente dependente de muitos fatores externos. Se vivermos em um país livre, com condições sociais que nos permitam nos expressar livremente e se não estivermos sobrecarregados por problemas psicológicos e físicos, então podemos vivenciar essa liberdade bastante grande. Mas essa relativa prosperidade nos apresenta desafios. Usamos essa liberdade para estarmos cientes do que está acontecendo no mundo ou estamos apegados a uma vida confortável sem muito interesse em tudo o que não nos afeta diretamente?

Desenvolver ainda mais nossas habilidades de pensamento

Isso nos leva ao foco ou à direção de nosso pensamento. Portanto, precisamos olhar para os seres humanos como seres compostos, formados por diferentes aspectos da consciência. Tudo é consciência, e a cooperação natural entre esses aspectos tem como objetivo expressar e *ativar* cada vez mais as faculdades nobres e espirituais de nossa consciência. Esses são nossos degraus na escada espiritual da evolução que alcança horizontes ilimitados.

Desenvolver ainda mais nossas habilidades de pensamento nos torna mais humanos. Isso diz respeito à qualidade espiritual do pensamento, e não apenas ao nosso QI intelectual. Nesse processo, nossa personalidade é o ‘eu sou eu’ que experimenta a vida a partir de sua própria posição. No caminho do desenvolvimento espiritual, somos o estudante-pensador. Mas já progredimos tanto que também podemos perceber qualidades de consciência que vão além da identificação com o ‘eu’. *Se quisermos*. Se soubermos como concentrar nossos pensamentos de tal forma que aprendamos a vivenciar a Natureza como Unidade. E, portanto, não há alternativas para a cooperação e a fraternidade. Dessa forma, podemos passar do pensamento pessoal para o suprapessoal, ativando nossas faculdades búdicas. Dessa forma, desenvolvemos o amor por tudo o que vive, e nossa personalidade desempenha um papel de serviço nisso. Passamos do ‘eu sou eu’ para o ‘*eu sou*’.

Experimentando a liberdade

Isso naturalmente se traduz em uma diferença na experiência de liberdade. Em resumo: a liberdade pessoal de satisfazer o eu versus a liberdade suprapessoal de servir ao bem comum. O caminho de nosso desenvolvimento espiritual está na escolha do bem comum. Esse é um processo que leva muitas vidas.

No caminho do pensamento pessoal para o suprapessoal, precisamos aprender a nos libertar do estresse de querer alcançar algo para o benefício de nossa vida pessoal. Muitas vezes cultivamos esse estresse sob a pressão de nosso ambiente social e societário e também de nossa educação.

Os pensamentos são seres vivos e, quanto mais os alimentamos, mais poderosos eles se tornam. Com os pensamentos e as ações que se seguem, também acumulamos karma. Como peregrinos eternos, atraímos as consequências de uma vida estressante e egocêntrica, mas também as de uma vida altruísta.

É claro que um belo dia podemos tomar a decisão radical de sermos exclusivamente suprapessoais de agora em diante, mas sempre teremos de lidar com nossas causas e consequências acumuladas pelo karma. Isso não precisa nos impedir de tomar uma decisão tão radical; não hesitemos quanto a isso. Mas, para purificar o conteúdo de nossa mochila kármica, também precisamos nos dar tempo para crescer e nos tornarmos suprapessoais. E certamente podemos vivenciar esse processo como ‘felicidade’.

No primeiro século d.C., o filósofo estoico Sêneca afirmou que cooperar com a natureza é ‘uma jornada para a felicidade’. Como podemos alcançar essa felicidade, de acordo com Sêneca? ‘Rejeitando o prazer e buscando apenas a virtude’.⁽²⁾ Em uma sociedade em que o entretenimento e o prazer ocupam um lugar de destaque, muitas pessoas não seguirão o conselho de Sêneca e não observarão as responsabilidades que vêm com ele.

Liberdade e responsabilidade

Ser livre em nosso pensamento significa que somos livres para escolher a virtude ou o prazer. Os pensamentos que usamos para isso implicam em responsabilidades correspondentes. A liberdade sem responsabilidade é uma utopia, não apenas no mundo externo, mas certamente também em nosso pensamento.

As pessoas que colocam seus próprios interesses e conforto em primeiro lugar às vezes são acusadas de ter pouco senso de responsabilidade. Mas esse é um foco unilateral no pensamento. Como isso funciona?

Os pensamentos são formas de vida muito primitivas.

O pensamento é, de fato, a percepção dos pensamentos. Nossa consciência é a diretora do transmissor/receptor de nossos pensamentos e, portanto, somos responsáveis por todo o 'tráfego' de entrada e saída. Quanto menos conscientes estivermos desse processo, menos seletivos seremos em nosso direcionamento. E a responsabilidade, como uma qualidade superior de pensamento, é algo que devemos saber selecionar.

Nossa consciência, a luz das lições éticas que reunimos em nossas vidas anteriores, quer nos ajudar com essa seleção, como uma luz de advertência. Quando a luz se acende porque corremos o risco de fazer uma escolha antiética, reconheceremos nossa responsabilidade com muita clareza.

Ao colocar o bem comum em primeiro lugar – a virtude como nosso guia – também enxergamos através da ilusão da liberdade pessoal. Assim, ficamos livres da necessidade viciante de prazer. E então podemos inserir os impulsos espirituais que recebemos por meio do pensamento suprapessoal em nossos hábitos e, portanto, também em nosso caráter. A velha regra é verdadeira: semeie um pensamento, colha uma ação. Semeie uma ação, colha um hábito. Semeie um hábito, colha um caráter.

Para ser claro, o prazer não tem nada a ver com a felicidade de que fala Sêneca. A personalidade dentro de nós geralmente vê a liberdade como a capacidade de escolher o prazer a qualquer momento. Mas, em última análise, o prazer pessoal e egocêntrico não é libertador. É viciante, enquanto a busca da virtude é realmente libertadora. Com o autocontrole, por exemplo, permanecemos no controle de nós mesmos e não nos deixamos levar por todos os tipos de tentações. A coragem nos dá mais oportunidades de agir, mesmo em circunstâncias das quais os outros se esquivam. Na virtude, encontramos a felicidade verdadeira e duradoura. Essa felicidade é a alegria da liberdade de experimentar como podemos ajudar a humanidade de uma forma suprapessoal, ou, em termos mais amplos, servir à Vida.

Liberdade e livre-arbítrio

O que significa o livre-arbítrio para nós, seres humanos? Significa que, em qualquer situação, temos uma escolha. Essa escolha pode ser extremamente limitada por todos os tipos de circunstâncias, mas sempre somos livres para focar nossos pensamentos, para selecionar os pensamentos que nos parecem certos. Também é bom ver o livre-arbítrio no sentido teosófico: na verdade, não *temos* livre-arbítrio, mas *somos* o livre-arbítrio. O livre-arbítrio brota de nosso Eu Superior, nosso núcleo essencial que não impõe limitações às nossas habilidades inerentes. Nisso reside a liberdade

essencial no caminho de nossa evolução espiritual. Uma bela citação de Gottfried de Purucker mostra isso:

Somos gotas no oceano da Vida Cósmica, e o coração de cada uma dessas gotas contém sua porção do livre-arbítrio desse Oceano Cósmico. E o livre-arbítrio de um homem se torna progressivamente mais livre precisamente na proporção em que ele consegue superar sua humanidade e se tornar mais divino, o que significa tornar-se mais semelhante ao seu próprio centro interior de ser, o coração das coisas, o coração do Universo, Parabrahman, AQUILO.⁽³⁾

Essa é a beleza sublime da liberdade de crescer em direção à Luz espiritual. Independentemente de vivermos em circunstâncias relativamente seguras e confortáveis ou em situações difíceis e de risco de vida, esse convite da própria natureza está sempre presente para todos.

Ao refletirmos sobre tudo isso, é instrutivo considerar até que ponto a essência do que a liberdade deve significar em todo o mundo já tomou forma. E, de acordo com isso, também podemos entender por que esse ainda não é o caso de grande parte da humanidade. Vemos regimes opressivos e autoritários e democracias instáveis, mas também vemos organizações internacionais que promovem a paz e a liberdade e estão comprometidas, por exemplo, com a proteção do meio ambiente e com a prestação de ajuda a muitos milhões de pessoas necessitadas. Também vemos as muitas formas de legislação e regulamentação que visam garantir a liberdade e a justiça onde as pessoas não conseguem fazer isso. E a Declaração Universal dos Direitos Humanos é um bom exemplo da importância da liberdade e da dignidade humana no mundo de hoje.

Estamos diante da escolha de viver para nós mesmos ou dedicar nossas vidas a um bem maior. Atenderemos ao chamado de nosso Eu Superior para explorar e abraçar nosso potencial espiritual ou não? Temos a liberdade de nos desenvolvermos ainda mais, de nos livrarmos de nossa escravidão. Para nós mesmos e para o mundo. Esse é o desafio que a liberdade nos oferece.

Referências:

1. H.P. Blavatsky, *Collected Writings*, Volume IV. Wheaton, Illinois, The Theosophical Publishing House, 1969, p. 496.
2. Sêneca, *A vida feliz, (De vita beata)*. Veja a primeira parte do texto (capítulos I-XVI).
3. Gottfried de Purucker, *The Dialogues of G. de Purucker Vol. 3, [Os Diálogos de G. de Purucker, Vol. 3]* Theosophical University Press, Covina, Califórnia, 1ª edição 1948, p. 124. <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/the-dialogues-of-g-de-purucker1-2-3/>



Educação teosófica

Ideais-chave

» O desenvolvimento da criança até a idade adulta consiste na reativação das qualidades que ela já possuía no final de sua encarnação anterior.

» O objetivo da educação teosófica é desenvolver todos os níveis de qualidades na criança, de modo que cada qualidade assuma seu devido lugar e função na pessoa como um todo.

» Neste artigo, discutimos seis importantes 'pilares' da educação teosófica. Estes são parcialmente colocados em prática nas inovações educacionais dos séculos XX e XXI.

» O objetivo central é o princípio do Rāja Yoga: familiarizar a criança com sua própria bússola ética interior, capacitando-a a enfrentar os desafios da vida com compreensão, esperança e coragem.

» Tudo começa com nós, educadores, sendo nós mesmos exemplos reais para inspirar as crianças.

Como a educação e a formação seriam moldadas pelo princípio da Unidade subjacente – o princípio central de todas as principais religiões e filosofias do mundo? Como criamos nossos filhos à luz de leis universais, como a reencarnação e o karma? O objetivo deste artigo é oferecer uma visão ampla sobre isso, incluindo várias sugestões para colocar os princípios em prática.

Existe uma quantidade avassaladora de opiniões e teorias sobre educação e formação no mundo. Em que direção a educação e o sistema escolar devem evoluir nos tempos atuais? As ideias sobre este assunto vão em todas as direções. Devemos retornar a aulas mais tradicionais de língua e matemática no ensino fundamental? Ou deveria haver mais espaço para a criatividade e a compreensão, para que nossos alunos possam lidar com nossa sociedade em rápida transformação? E lembremo-nos: são às crianças e aos jovens que nós, adultos, devemos transmitir nossa civilização. Começamos com a pergunta: quando a educação é educação *teosófica*? É a educação baseada na Sabedoria Universal, no conhecimento essencial e nas percepções que se encontram em todas as grandes filosofias e impulsos espirituais do mundo e por trás deles. O que foi revelado dessa Sabedoria Universal desde 1875 é chamado de Teosofia. A educação teosófica baseia-se no conhecimento do que é o Homem e qual é o sentido da vida. Somente com uma certa compreensão dessas grandes questões da vida

é que seremos capazes de guiar sabiamente as crianças e os jovens rumo à vida adulta.

O que é o Homem?

Portanto, primeiro precisamos ter uma visão de quem realmente somos. Nós, seres humanos – na verdade, todos os seres – somos *centros de consciência*. Não somos nosso corpo, mas somos um centro espiritual e imperecível de vida que atua por meio do corpo. E podemos compreender melhor a nós mesmos, como seres humanos completos, por meio da divisão tripla em espírito, alma e corpo. Nosso *núcleo espiritual* está enraizado nos reinos espirituais-divinos e é parte inseparável da Vida Infinita. É uma centelha dela. É, portanto, também imperecível: não criado e 'indestrutível'. E, como parte inseparável da Vida Infinita, nossa consciência carrega em si todos os potenciais e poderes da Vida Infinita. Uma ideia surpreendente, para ser ponderada longamente. Além do nosso núcleo espiritual, o Coração do nosso ser, nós, como seres humanos, somos também uma

alma, nossa consciência pensante. Nossa alma, por sua vez, expressa-se em cada encarnação em um *veículo exterior* ou instrumento físico.

O que é nossa alma? É o elo entre nosso espírito e nosso instrumento exterior. Nossa consciência ativa diária está sediada nessa parte intermediária. E para nós, seres humanos, nossa consciência ativa é nossa *faculdade de pensar*, nossa capacidade de perceber pensamentos e de nos concentrarmos conscientemente em certos pensamentos, dedicando-lhes atenção. Nossa alma contém todas as qualidades que desenvolvemos até agora a partir de nosso potencial ilimitado, durante nossas vidas anteriores e nossa vida atual. Nossa alma é, por assim dizer, o ‘estágio atual’ de nosso processo contínuo de crescimento.

Precisamos de nosso instrumento temporário e transitório para adquirir experiência no mundo exterior e cumprir nossas tarefas aqui: desempenhar nosso papel na totalidade da Vida. Esse instrumento consiste em mais do que apenas nosso corpo físico, que podemos ver; inclui também nosso corpo astral, que é um pouco mais etéreo do que nosso corpo físico, bem como nossas energias vitais e nosso poder de desejo. Abandonamos esses quatro elementos quando morremos e estamos prontos para um período de descanso mais espiritual.

Vida após vida, ativamos, desenvolvemos e expressamos nossas habilidades adormecidas. Trata-se de um processo de desenvolvimento *de dentro para fora*, no qual aprendemos a expressar em nossa alma o que carregamos de forma latente em nossa essência espiritual. Nossas percepções e habilidades não vêm de fora; não são colocadas ali a partir do exterior. São frutos do autodesenvolvimento. Estamos envolvidos nesse processo de autodesenvolvimento há incontáveis vidas, e precisaremos de incontáveis vidas ainda para aperfeiçoar nosso potencial humano.

O impulso fundamental para desenvolver nosso potencial

Em cada ser humano existe um impulso fundamental, proveniente de seu âmago mais profundo, para realizar cada vez mais seus potenciais adormecidos em sua consciência diária (*alma*). Podemos observar o funcionamento desse impulso fundamental em cada criança. A criança deseja se expressar e conhecer o mundo. Pelo menos, se os educadores não cortarem esses impulsos pela raiz. Esses princípios teosóficos explicam por que todos nós viemos ao mundo com um caráter único e um conjunto único de qualidades. Afinal, isso é exatamente o que desenvolvemos até esta vida. Nesse aspecto, todos nós somos únicos.

O que o processo de desenvolvimento de uma criança implica? Crescer da infância até a idade adulta é a *reativação das características que a criança já possuía no final de sua encarnação anterior*: suas qualidades espirituais, mentais, psicológicas e físicas. Isso implica algo muito importante para todos os educadores e professores: toda criança é um ser reencarnante, um peregrino eterno, que agora temos temporariamente sob nossos cuidados. Somos responsáveis por orientar seu *autodesenvolvimento* até que a criança esteja madura e seu livre arbítrio esteja plenamente ativo novamente, para que ela possa continuar sua jornada evolutiva de forma independente. Até que ela tenha alcançado o estágio da idade adulta: então nossa tarefa de proteção e orientação como pais, avós ou professores estará cumprida.

As qualidades mais amplas, universais e sustentáveis em nosso pensamento

Se quisermos dar a uma criança a melhor chance possível de se tornar um ser humano *completo*, com suas qualidades espirituais, mentais, psicológicas e físico-emocionais (em potencial), é muito útil distinguir entre os sete níveis de pensamento nos quais todo ser humano pode se concentrar. Discutiremos todos os sete:

Nossas duas características ou níveis de pensamento *universais* nos permitem olhar mais profundamente e nos dão uma compreensão das causas por trás de todas as coisas externas. Elas pertencem à nossa natureza permanente e imperecível. Como resultado, vemos o que todas as pessoas têm em comum, o que até mesmo todos os seres têm em comum. Então percebemos que fazemos parte de uma Unidade da qual nunca podemos nos afastar. Que, precisamente porque essa unidade existe, somos responsáveis por cada ação, pois todas as nossas ações influenciam todos os nossos semelhantes.

Esses dois aspectos superiores do pensamento são nosso senso de unidade (o mais universal) e nossa capacidade de compreensão. Podemos experimentar o funcionamento de nossa capacidade de compreensão quando realmente compreendemos algo, às vezes num instante: percebendo uma conexão, obtendo uma visão geral mais clara de uma situação. Às vezes, isso acontece espontaneamente. Então, chamamos isso de intuição.

E o terceiro aspecto do pensamento, visto ‘de cima para baixo’, é o nosso intelecto, nossa capacidade analítica. Isso nos permite organizar todos os fenômenos de forma lógica. Mas, apenas com o nosso intelecto, não podemos olhar além do exterior das coisas, dos processos do mundo

exterior. Para compreender os processos por trás deles, tais como a reencarnação e o karma, precisamos de nossa compreensão e do pensamento de unidade.

Essas três habilidades superiores de pensamento formam o nosso pensamento *supra-pessoal*. Este é um termo muito apropriado, pois todos os três tipos de pensamento mencionados são mais amplos, mais universais e mais duradouros do que nossos humores pessoais (mutáveis), nossos desejos egocêntricos e quaisquer obsessões em nossas visões pessoais.

Nossos níveis de pensamento instrumentais e voltados para o exterior

Além disso, também temos quatro níveis de pensamento que se concentram em nosso funcionamento no mundo exterior.

Eles pertencem ao nosso instrumento temporário nesta encarnação. São, portanto, transitórios. Eles nos permitem viver e trabalhar no mundo externo: cumprir nossas tarefas. Consistem em quatro níveis, que são, do etérico ao material: nossa força do desejo (a capacidade dentro de nós de perseguir e alcançar nossos objetivos); nosso pensamento focado na vitalidade (nosso impulso para agir); nosso pensamento emocional (nossos sentimentos, que estão fortemente ligados aos nossos sentidos) e, como o aspecto mais material do pensamento, nosso pensamento que se identifica com os altos e baixos de nosso corpo físico.

Esses quatro níveis de pensamento formam nosso pensamento *pessoal*, pois são limitados por sua natureza e frequentemente ‘coloridos emocionalmente’.

Ao observar esse quadro completo, você rapidamente chegará à conclusão *de que não podemos prescindir de nenhum desses sete aspectos do pensamento*. Caso contrário, nós, seres humanos, estaríamos incompletos. Ao mesmo tempo, reconhecemos a importância de aprender a basear as decisões importantes de nossas vidas em nosso senso de unidade, nossa compreensão e nosso pensamento racional, ou seja, nosso pensamento *supra-pessoal*. Somente assim seremos capazes de enxergar além dos altos e baixos de nossa própria personalidade exterior – além de nosso pensamento pessoal, que é, por assim dizer, ‘míope’.

Objetivos centrais da educação teosófica

Com essas sete qualidades em mente, podemos agora discernir claramente os dois objetivos centrais da educação teosófica:

1. Estimular a criança de tal forma que ela possa levar todas as suas sete faculdades mentais a um desenvolvimento relativamente pleno, *até o ponto em que se encontrava em sua vida anterior*.
2. Transmitir o conhecimento e as habilidades de que a criança necessita para encontrar seu caminho na vida exterior, nos meandros da família, da escola e da sociedade como um todo. Esse tipo de conhecimento depende da cultura e do tempo e deve ser aprendido por cada ego humano encarnado após seu renascimento.

O primeiro tipo de orientação pode ser legitimamente chamado de *educação*. A palavra educação deriva do latim ‘conduzir para fora’, *e-ducere*. O objetivo da educação teosófica é desenvolver, desdobrar, todas as qualidades que residem na criança, *de modo que cada qualidade assuma seu devido lugar e função no Ser Humano como um todo*. Desta forma, você prepara a criança para a arte de viver, o que significa muito mais do que apenas cuidar do bem-estar exterior da criança. Familiariza-se a criança com a sua própria bússola interior, permitindo-lhe ver os muitos desafios da vida sob uma luz clara e enfrentá-los com coragem e autoconfiança interior. Este objetivo nunca poderá ser alcançado impondo as nossas crenças e padrões à criança, mas sim dando-lhe oportunidades para desenvolver a sua própria sabedoria interior e visão espiritual. Ajudamo-la a renascer espiritualmente. Somos uma parteira espiritual para esse ego reencarnante. E se o fizer de maneira equilibrada, guiado pela compreensão, pela razão e pela cautela, dará à criança tempo suficiente para processar tudo por si mesma, para descobrir as coisas por conta própria, estimulando um crescimento interior equilibrado.

O segundo tipo de orientação pode ser melhor denominado *instrução*, do verbo latino *in-struere*, que significa algo como ‘construir de maneira ordenada’. Instrução e educação são ambas necessárias, pois somente assim uma pessoa pode funcionar no mundo como um ser humano completo.

Educação Rāja Yoga

A educação teosófica também é chamada de *Educação Rāja Yoga*. ‘Rāja’ significa ‘real’, e ‘yoga’ significa união. Juntos: união real. A combinação significa: tornar sua consciência diária tão compassiva e compreensiva que você una sua mente com a Divindade dentro de você. Significa: abrir suas janelas espirituais para receber seus raios inspiradores e traduzi-los em prática. Assim, você não

precisa trazer o divino de fora, porque você já é ele. Ele está sempre presente. É a fonte de tudo o que há de nobre em nós. Podemos aprender a expressar o divino dentro de nós, assim como as sementes germinam quando lhes damos cuidados, solo fértil e água.

Em termos de educação, a *Educação Rāja Yoga* significa: *estimular a criança a alcançar o autoconhecimento e adquirir a autoguiança*. Mesmo desde muito cedo, podemos ensinar as crianças a reconhecer a diferença entre seu próprio Eu social e prestativo e seu eu egocêntrico e ganancioso. E essa compreensão lhes dá a chave de ouro para permitir que o primeiro guie o segundo.

Esses princípios do Rāja Yoga são muito antigos. Katherine Tingley, a terceira líder da Sociedade Teosófica de Point Loma, aplicou esses princípios na educação e no ensino de crianças e jovens. Em 1900, ela fundou a *Escola Rāja Yoga*, no local da então sede internacional na península de Point Loma, na Califórnia. Essa escola funcionou até a década de 1930, e muitos milhares de crianças e jovens receberam ali sua educação e formação. A escola era uma comunidade muito internacional, pois as crianças vinham de muitas partes do mundo.

Alguns princípios básicos da Educação Rāja Yoga

Apresentaremos agora alguns princípios importantes da Educação Rāja Yoga, oferecendo-lhe uma série de alicerces universalmente válidos, que pode ser poste em prática, de acordo com a sua própria situação. Estes são os alicerces de um ideal inspirador que podemos continuamente ampliar e aprofundar. Certamente há muito mais a dizer sobre o assunto do que faremos agora, mas nossa intenção é dar sugestões, em vez de pretender ser ‘exaustivos’.

Discutiremos os seguintes pilares:

- Criar um ambiente de vida harmonioso e altruísta.
- Dedicar muito mais atenção ao despertar do potencial da criança do que a fazê-la imitar coisas do exterior.
- Desenvolver uma verdadeira autodisciplina.
- Cooperação, nunca competição.
- Aprender a compreender o caráter individual de cada criança e a sintonizar-se com ele.
- Concentrar-se muito menos em fatos isolados do que em uma visão abrangente.

Exploraremos agora esses pilares educacionais, um por um, e daremos exemplos de como você poderia colocá-los em prática, especialmente nas escolas.



Na Escola de Raja Yoga de Katherine Tingley, os alunos faziam música todos os dias.

Criar um ambiente de vida harmonioso e altruísta

O primeiro pilar é criar um ambiente harmonioso no qual as pessoas cuidem umas das outras. Essa é a primeira condição para colocar um ego reencarnante sob nossos cuidados de volta no caminho para sua própria divindade interior. E, por ambiente de vida, não nos referimos apenas ao entorno físico, mas, acima de tudo, à esfera de influência que todos os habitantes de uma casa, ou todas as pessoas em uma escola ou alguma outra organização, irradiam.

E o que irradiamos? É o nosso próprio caráter, o que realmente somos como consciência. Em outras palavras, irradiamos nossos pensamentos, e estes podem ter qualquer uma das sete características mencionadas acima como sua tônica.

A chave para a educação teosófica é, portanto, o amor sincero e compreensivo por parte dos educadores – o que é bem diferente do amor emocional, que muitas vezes é cego e pessoal. Para amar de forma altruísta, não precisamos de um vasto conhecimento intelectual. Pais que tiveram poucas oportunidades educacionais podem proporcionar aos filhos muito mais coisas de valor duradouro do que pais que possuem muito conhecimento externo, mas esqueceram os fundamentos espirituais e éticos da vida.

Portanto, ser educador ou professor realmente exige algo: não ser, como se costuma dizer, ‘perfeito’, mas estar constantemente disposto a aprender, a refletir, a tornar-se mais sábio e a tornar-se mais universal. Concentrar nosso pensamento, tanto quanto possível, na unidade, na compreensão e no idealismo, e aprender a controlar os elementos pessoais em nós. Somente aqueles que se dedicam diariamente à *autoeducação* e à *auto-reforma* podem incentivar o mesmo hábito nos outros. Então seremos

capazes de inspirar os jovens. Então não estaremos ‘desempenhando’ o papel de pai ou professor, mas *seremos* isso.

Despertar o potencial que reside na criança

O segundo pilar é: despertar o potencial que reside na criança. Conforme mencionado acima, todo crescimento interior ocorre por meio do desenvolvimento, a partir de dentro, das potências divinas, espirituais, mentais e externas que toda criança possui.

Devido à enorme ênfase atualmente colocada em nossa sociedade no sucesso na vida externa, a atenção ao verdadeiro ser humano no aluno é frequentemente negligenciada. Afinal, como ouvimos com tanta frequência, é preciso também cumprir todos os requisitos do exame final. E sem boas notas, há menos chances de obter uma boa educação e um bom emprego no futuro.

No entanto, acreditamos que, se reconhecermos a importância das capacidades imortais das crianças, o mundo seria muito diferente do que é hoje: pois, assim, eliminaríamos as fontes da ambição, da ganância e da indiferença.

Na educação teosófica, despertam-se todas as habilidades, poderes e tendências na criança *de tal forma* que ela aprende simultaneamente a controlar suas habilidades inferiores por meio de suas habilidades superiores. Assim, ela aprende a canalizá-las para atividades valiosas.

O desenvolvimento intelectual é uma parte natural dessa educação global, mas o mesmo se aplica a todas as outras capacidades, sejam elas latentes ou ativas: artísticas, filosóficas, sociais, psicológicas, físicas, emocionais, religiosas e científicas: simplesmente tudo.

Em termos práticos, isso significa que os jovens estão envolvidos todos os dias no desenvolvimento de todos esses aspectos de sua consciência: disciplinas teóricas podem ser alternadas com atividades manuais práticas – construir um banco de madeira juntos, por exemplo – e com música, teatro, sair ao ar livre e trabalhar em um jardim, ajudar a cuidar de abelhas ou participar de um grupo de discussão filosófica. E, é claro, ginástica e esportes. Na escola de Rāja Yoga na sede teosófica na Califórnia, entre 1900 e 1940, as meninas praticavam tanto esportes e ginástica quanto os meninos, o que era definitivamente progressista para a época.

Naquela escola de Rāja Yoga, a música e o teatro eram parte totalmente integrada da vida. Portanto, não se tratava apenas de preparar um musical único no final do ano letivo (o que é valioso por si só); não, praticava-se ativamente música e teatro *todos os dias*, e mesmo desde muito cedo. A

música e o teatro simbólico, selecionados com discernimento, podem apelar diretamente à vida espiritual do Coração dos seres humanos.

Desenvolvendo a verdadeira autodisciplina

Outro aspecto importante da educação teosófica é o desenvolvimento da verdadeira autodisciplina. Isso não tem nada a ver com coerção, ameaças ou pressão social. A verdadeira autodisciplina decorre da *insight e de um senso de comunidade*, e não é uma luta ou batalha interna, mas uma escolha pela felicidade coletiva em vez da felicidade individual. Tal insight só pode florescer sem pressão externa.

Mas é necessária orientação: a criança deve aprender a ver a diferença entre o seu Eu altruísta e o seu eu egocêntrico. A verdadeira autodisciplina é fruto do autoconhecimento. A palavra ‘disciplina’ deriva de discípulo, aluno; é, portanto, algo que todos podem aprender. Ou seja, existem duas forças em nossa consciência humana competindo pelo domínio: nossos três níveis mais universais de pensamento e nossos quatro níveis de pensamento orientados para o material. Ambas as forças são necessárias, mas apenas uma delas pode estar no comando em um determinado momento. Desde cedo, você pode deixar que seu senso de justiça e seu espírito comunitário assumam a liderança e subordinem seus instintos e desejos externos sempre que necessário. Assim, você aprende a assumir a responsabilidade por seus pensamentos e ações. Então você defende as coisas com as quais concorda.

Um ponto importante aqui é: nunca castigue a criança ou o jovem. Castigar significa tentar assustar uma criança. Isso, na verdade, reforça seu egoísmo animalesco, em vez de sua compreensão de seu papel no todo. Nas Filipinas, existe o *Golden Link College*, uma escola fundada por Vic Hao Chin, um Teosofista. Vale a pena procurar mais informações sobre o *Golden Link College* na internet.⁽¹⁾ Nessa escola, nunca se recorre a punições, nem se fazem ameaças. Somente com base em critérios razoáveis é que todas as crianças são consultadas quando surgem problemas.

Cooperação, nunca competição

Outra percepção é: cooperação, nunca competição. A tendência de querer ser melhor do que os outros, de ser o melhor nos estudos, na educação física ou nas artes, é uma das principais fontes dos problemas do mundo.

Pense nos países que competem pelo poder político e econômico e tentam adquirir para si o máximo possível das matérias-primas do mundo. Ou pense nos grupos religiosos que consideram todos aqueles que pensam de

forma diferente como inferiores, pecadores ou equivocados. Uma educação sábia adota o tom oposto: todos os seres humanos são iguais, independentemente de esse *fato* se encaixe ou não na alta opinião que possamos ter de nós mesmos.

Existem tantas possibilidades de cooperação: desde pensar em conjunto com os alunos sobre quais devem ser as regras da turma, até a realização de projetos em grupo, o conselho estudantil e todos os tipos de serviços que os alunos podem prestar na vizinhança em benefício dos moradores locais.

Qual é o princípio da cooperação teosófica? É este: você transforma sua família ou escola em uma *pequena sociedade*, na qual todos contribuem com seus talentos e habilidades para o desenvolvimento do todo, e na qual cada um apoia e incentiva o outro a fazer essa contribuição. Certa vez ouvimos falar de uma escola na Escandinávia onde muitos idosos aposentados desempenham deliberadamente um papel. Lá, os alunos interagem diariamente com pessoas de todas as idades.

Adaptar a educação ao caráter individual da criança

Isso nos leva ao próximo pilar que queremos apresentar: adaptar a educação ao caráter individual da criança. Muitas escolas hoje reconhecem a importância disso. Mas há uma grande dificuldade no fato quando as turmas são grandes. Isso muitas vezes significa que se tem apenas um minuto e meio por aula para cada aluno.

Na escola Rāja Yoga em Point Loma, todos os alunos viviam em grupos de até 12-13 crianças. Cada grupo vivia em uma casa redonda, sempre acompanhado por um mentor. Isso permitia que o mentor conhecesse muito bem as crianças. Durante as aulas em sala de aula, os grupos também nunca tinham mais de 12-13 alunos. Afinal, cada criança chega a esta encarnação com uma bagagem diferente de experiências e percepções. Nem toda criança aprendeu a mesma quantidade de lições espirituais em vidas anteriores. Cada criança, portanto, precisa de uma abordagem única: para despertar e nutrir os lados compreensivos e idealistas de si mesma, e para compensar qualquer unilateralidade em seu caráter.

Incorporar todos os fatos isolados em insights abrangentes

Por fim, um princípio da educação teosófica que certamente não é o menos importante: situar todos os fatos isolados dentro de conceitos abrangentes. Qual é o valor do conhecimento factual, ou de memorizar truques matemáticos, se você não sabe do que se trata ou o que esse

truque faz? É possível uma abordagem diferente e mais integrada para todas as disciplinas padrão: incluindo idiomas, ciências, matemática, história e geografia. O princípio é: primeiro construa um quadro coerente antes de preencher esse quadro geral com detalhes. Então, você *primeiro* apela para as faculdades imaginativas do aluno. Isso aumenta sua percepção. E a experiência mostra que tal compreensão não é facilmente esquecida, ao contrário dos fatos áridos que ele memorizou.

Em geografia, por exemplo, você pode começar observando o planeta Terra do espaço e estudando essas imagens em conjunto. Em línguas, você pode começar precisamente com aquelas palavras que apelam para nossos aspectos superiores do pensamento. Na Escola Rāja-Yoga de Tingley, as primeiras aulas de língua para crianças pequenas começavam com as três palavras ‘atenção’, ‘concentração’ e ‘perseverança’ – e especialmente com o que elas significam. Isso pode parecer surpreendente quando se pensa em como a maioria das escolas começa a ensinar língua hoje em dia. Em matemática, pode-se começar deixando as crianças descobrirem que a forma de todos os objetos ao seu redor se baseia em apenas algumas formas matemáticas básicas. Em história, pode-se discutir a questão com os alunos: quando alguém é um herói? Então, quem são nossos heróis? Sobre quais pessoas do passado vale a pena buscar informações?

Também é possível integrar disciplinas. Há alguns anos, foi fundada em Haia na Holanda a *John Dewey College*, que, em princípio, busca transmitir todo o conhecimento por meio de projetos integrados e interdisciplinares, o que é muito progressista.

Reformas educacionais nos séculos XX e XXI

Construímos agora um panorama geral de como você pode implementar e desenvolver a educação teosófica, como um primeiro passo. H.P. Blavatsky e seus sucessores William Quan Judge, Katherine Tingley e Gottfried de Purucker forneceram ideias inspiradoras sobre este assunto, baseadas na Sabedoria Universal.⁽²⁾ E é um fato que pelo menos algumas dessas ideias podem ser encontradas no campo atual da educação. Várias formas inovadoras de educação tentam colocar essas ideias em prática em maior ou menor grau. Basta pensar na abordagem das escolas Montessori, Dalton e Steiner, ou da ‘Escola da Paz’ em Almere, Holanda.

E, para muitas escolas, não se trata mais apenas de memorizar fatos; os professores procuram incutir uma certa compreensão em seus alunos. Mas é claro que ainda há

importantes passos internos a serem dados no campo da educação.

O fio condutor que atravessa esses ‘pilares’

Há um fio condutor que atravessa esses pilares da educação teosófica, o qual pode ser expresso em três ideias:

* *A essência da educação teosófica reside em nosso senso de unidade*: baseado no fato de que todos nós originamos da mesma Fonte Universal. Esse senso de unidade dá origem diretamente ao nosso senso de conexão e igualdade: em relação a todos os seres humanos, em relação às crianças ou aos avós, em relação aos vizinhos, em relação aos amigos ou aos chamados inimigos. Sabemos que somos *um*, em nosso núcleo imortal, com o núcleo imortal do outro.

No caso de uma criança, trata-se de um ser humano que retornou à vida terrena, com quem já compartilhamos alegrias e tristezas em várias encarnações. Pois, de acordo com a lei kármica, a lei de causa e efeito, somos sempre atraídos pelas pessoas com quem trabalhamos juntos no passado, ou com quem estivemos em conflito. Nossos filhos são nossos filhos por uma razão, e o professor tem alunos que são seus alunos por uma razão. Já trabalhamos e vivemos com eles em vidas anteriores. Talvez nossos filhos atuais tenham sido nossos pais naquela época.

* *Esteja convencido das possibilidades internas que existem em si mesmo*. A educação teosófica pode ser colocada em prática em todas as circunstâncias. Não é algo vago que está distante, ou para o qual você precise primeiro se tornar um Buddha. Se você começar a viver de acordo com seus próprios ideais e percepções, sempre encontrará oportunidades enquanto aprende e tenta.

* *Esteja também convencido das possibilidades internas de cada criança*. Pais e professores podem cometer grandes erros a esse respeito, por exemplo, dizendo a uma criança: ‘Ah, mas você nunca será capaz de fazer isso: você não sabe cantar, não tem talento para matemática.’ Ou, de forma mais sutil: ‘Você não precisa aprender isso, é apenas para os alunos que vão para a faculdade.’ Isso tem consequências fatais. Todos podem aprender tudo, é claro, em seu próprio ritmo. As crianças são geralmente capazes de muito mais do que se costuma acreditar.

Um exemplo marcante de como alcançar o pensamento superior dos adolescentes foi dado por um professor na França. Ele trabalhava em uma escola com alunos conhecidos por serem muito difíceis; em suma, uma espécie de ‘educação da última chance’. Ele ensinava francês e, em cada aula, apresentava uma citação de um dos grandes pensadores ou escritores franceses, redigida em um francês

belíssimo: uma citação que realmente fazia pensar. E essa citação era discutida e, em seguida, recebia um número de série. Todos os alunos tinham que memorizar a frase e seu número de série.

Cada aula começava assim: o professor dizia um número, e um aluno se apresentava e recitava aquela citação. Assim, a ideia era repetida várias vezes. E isso continuou assim por várias citações. Mais tarde, um aluno que havia estado em sua turma disse: ‘Ainda me lembro de quase todas elas, e carreguei essas ideias comigo por toda a minha vida.’ É apenas um exemplo, mas mostra que não se deve subestimar nem mesmo os alunos ‘difíceis’.

E então: autoeducação

Quando chegamos à idade adulta, entramos na importante fase da autoeducação. Passamos então a fazer todas as escolhas importantes da vida de forma independente. Aos 21 anos, já desenvolvemos nosso livre arbítrio ao ponto em que estávamos em nossa vida anterior. Agora podemos e devemos assumir total responsabilidade por cada decisão que tomamos e suas consequências.

Aqueles que percebem que nossa vida é uma entre uma série contínua de vidas compreenderão a oportunidade de ouro que a vida adulta nos oferece: agora podemos tornar nosso pensamento e nossa ação mais profundos, mais amplos e mais nobres do que eram no final de nossa vida anterior. Podemos superar todos os tipos de fraquezas e, assim, ter mais significado para nosso entorno: espiritual e materialmente. Podemos trabalhar com determinação em direção a um modo de vida que seja muito mais harmonioso e pacífico do que o mundo geralmente é hoje.

E fazemos isso por meio de esforços autoguiados, ou *evolução autoguiada*. Em resumo: como adultos, podemos dar ao nosso pensamento e às nossas vidas um tom e uma tonalidade mais compassivos. Essa escolha está diante de nós, todos os dias.

Referências

1. Veja, por exemplo: <http://theosophy.ph/goldenlinkcollege.html>.
2. Consulte, entre outros: H.P. Blavatsky, *A Chave da Teosofia*. Seção XIII, capítulo ‘Teosofia e Educação’; K. Tingley, *The Wisdom of the Heart [A Sabedoria do Coração]*. Várias edições. Capítulo VII, ‘Basic Principles of True Education’ [‘Princípios Básicos da Verdadeira Educação’]; G. de Purucker, ‘Young Folk and Theosophy’ [‘Os Jovens e a Teosofia’]. Em: *Wind of the Spirit*. 1ª edição. Covina, Califórnia, Theosophical University Press, 1944, p. 108-110 e ‘Common Sense in the Home’, p. 138-142. (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/>.)



O mapa astral de nascimento

Fundamentos da astrologia, parte 4

Ideais-chave

» Nós, seres humanos, vivemos dentro da esfera de influência de um grupo hierárquico de seres cósmicos. O caminho da nossa vida humana está, portanto, inextricavelmente entrelaçado com as vidas e os ciclos desses seres cósmicos.

» Nascermos novamente na Terra no momento em que a posição dos planetas, do Sol e do zodíaco, e, portanto, sua influência combinada, corresponde ao nosso próprio caráter.

» Nosso caráter é a característica essencial de nossa consciência: não há dois seres no Cosmos que sejam exatamente iguais. Estamos constantemente desenvolvendo – esperamos, enobrecendo – nosso caráter em uma determinada direção por meio dos pensamentos que temos agora. Nosso mapa astral é, portanto, um ‘instantâneo no tempo’.

» Você pode usar os horóscopos para refletir profundamente sobre a conexão que nós temos com os seres cósmicos e sobre nossa responsabilidade para com os seres mais avançados e menos avançados.

Na nossa série de artigos sobre os fundamentos da astrologia, chegamos agora à questão do que é um mapa astral de nascimento, por que ele reflete nosso caráter e de que partes ele é composto. Também discutiremos sua possível utilidade. Para isso, vamos nos basear no panorama geral que traçamos nas três edições anteriores.⁽¹⁾

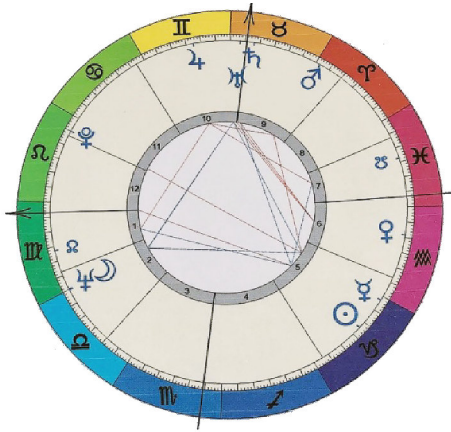
O que é um mapa astral de nascimento?

Um mapa astral de nascimento mostra a posição dos corpos celestes e os signos do zodíaco no momento do nascimento de uma pessoa, visto do local de nascimento. Um exemplo de mapa astral de acordo com a astrologia ocidental é mostrado na ilustração na próxima página: O centro da imagem é a sua própria posição no momento do nascimento. Sucessivamente, de fora para dentro, você pode ver os 12 signos do zodíaco, a posição dos planetas e os números das Casas (o círculo cinza). E dentro desse círculo cinza você vê linhas de conexão, mostrando quais planetas formam ângulos especiais entre si. Os símbolos representam os signos do zodíaco e os planetas, e a cabeça e a cauda do dragão são os pontos onde o plano orbital da Terra cruza com o da Lua (veja as tabelas ao lado).

Nossa consciência está sempre evoluindo

É verdade que nosso mapa astral

mostra nosso caráter humano no momento em que nascemos? Sim, e nos próximos parágrafos vamos explicar o porquê disso, a lógica por trás disso. Primeiro, todo ser no cosmos é um centro de consciência. Tem, desde o seu núcleo espiritual mais profundo, o desejo de revelar cada vez mais o seu potencial cósmico e fá-lo através da alternância entre a vida ativa (encarnando-se no mundo exterior) e o descanso espiritual nos reinos interiores. Cada vida exterior oferece a um ser oportunidades para dar mais um passo em frente, para expandir e enobrecer a sua consciência. Isto também se aplica a nós, seres humanos. A nossa consciência está em constante evolução. Quando nascemos nesta encarnação, já tínhamos um longo – sim, infinitamente longo – passado atrás de nós. As qualidades que desenvolvemos até o momento do nosso nascimento, em nossas vidas passadas, formaram nosso caráter. Nosso caráter é criado por nós mesmos, e cada encarnação nos oferece oportunidades de



☉	Sol	♈	Áries
☾	Lua	♍	Touro
☿	Mercúrio	♊	Gêmeos
♀	Vênus	♋	Câncer
♂	Marte	♌	Leão
♃	Júpiter	♍	Virgem
♄	Saturno	♎	Libra
♅	Urano	♏	Escorpião
♆	Netuno	♐	Sagitário
♇	Plutão	♑	Capricórnio
♁	Cabeça do dragão	♒	Aquário
♂	Cauda do dragão	♓	Peixes

Exemplo de um mapa astral de nascimento. Os significados dos símbolos usados estão listados à direita. A cabeça e a cauda do dragão são os dois pontos no céu onde o plano da órbita da Lua ao redor da Terra se cruza com o plano da órbita da Terra ao redor do Sol. Esses dois pontos estão sempre exatamente opostos um ao outro. Neste mapa astral, você os encontrará nos signos de Peixes e Virgem.

crescimento interior, de desenvolvimento. É um ‘trabalho em andamento’. Portanto, nosso caráter durante o nascimento é um instantâneo no tempo.

Qual é o nosso caráter?

A questão de saber o que é essencialmente o nosso caráter tem a ver com ensinamentos profundos. Pois é mais do que apenas a soma de todos os pensamentos, sentimentos e ações que tivemos e realizamos em nossas vidas passadas. É mais do que uma certa mistura de tendências e habilidades que desenvolvemos. O núcleo espiritual de cada ser tem uma ‘cor’ ou característica diferente. Portanto, não há dois seres iguais no gigantesco cosmos. Em nossa literatura, isso é chamado de ‘doutrina do autodesenvolvimento’ (em sânscrito Swabhāva).⁽²⁾ Se nos concentrarmos em nosso núcleo espiritual, nossa natureza superior inspirará nossa consciência diária.

Assim, nosso caráter não nos é dado por alguma divindade, nem surgiu por acaso, mas nós mesmos o moldamos. Nós, seres humanos, determinamos por nós mesmos em que direção mudamos nosso caráter atual, pela direção que damos aos nossos pensamentos e desejos atuais, dia após dia. Nós mesmos moldamos nossos padrões de pensamento e, portanto, sempre podemos reformá-los. Portanto, inúmeras oportunidades de crescimento estão indicadas em cada horóscopo de nascimento: espirituais, mentais e psicológicas. Se as usamos ou não, depende de nossas escolhas.

Por que o mapa astral de nascimento mostra o jeito de uma pessoa?

Por que a posição dos corpos celestes durante o nosso nascimento reflete nosso caráter? Isso tem a ver com o fato de que nós, humanos – e todos os outros seres – somos partes inseparáveis da Vida Cósmica, e os ciclos de crescimento

pelos quais passamos, nunca podem ser separados dos ciclos maiores pelos quais passam os seres estelares do zodíaco celestial, o Ser Solar e os seres planetários. Afinal, vivemos *dentro* das esferas de influência desses seres cósmicos.⁽³⁾ Essa sintonia é muito precisa. Nascermos novamente na Terra naquele momento em que a posição dos planetas, do Sol e do zodíaco – e, portanto, sua influência combinada naquele momento e naquele lugar na Terra – *corresponde ao nosso próprio caráter*.⁽⁴⁾ Aqui vemos o funcionamento exato da causa e efeito: o tipo de pensamentos que tínhamos em vidas anteriores, o caráter que desenvolvemos então, tem a consequência lógica de renascermos na Terra naquele momento específico.

Só então podemos revelar o que somos interiormente. Suponha que pudéssemos nascer em uma cultura e época com circunstâncias que nos são completamente estranhas (o que nunca aconteceria, porque a ‘causa e efeito’ está sempre em ação), então as pessoas e os eventos teriam muito menos significado para nós. Em vez disso, somos sempre atraídos para um ambiente que tem significado para nós *porque reflete nosso próprio caráter*; tanto os lados harmoniosos quanto os discordantes. Para dar um exemplo concreto: reencontramos as pessoas com quem tivemos afinidade em qualquer vida anterior, positiva ou negativa. Tanto o amor quanto o ódio são forças vinculativas.

Assim, os signos do zodíaco e os planetas não ‘formam’ nosso caráter. Eles refletem, no momento do nosso nascimento, através da síntese de suas características, uma condição cósmica com a qual ressoamos muito fortemente. Eles mostram nosso caráter.

Portanto, você pode usar mapas astrais para descrever as características de uma pessoa, de forma ampla e até mesmo detalhada, no momento do seu nascimento. Nesse momento, porque, como mencionado, nosso mapa astral é um instantâneo. Os astrólogos geralmente escolhem a pri-

meira respiração como o momento inicial, embora existam outras ideias sobre isso. As escolhas que fazemos nesta encarnação determinam o desenvolvimento futuro do nosso caráter.

O horóscopo das organizações e outras comunidades humanas

Os horóscopos de nascimento também podem ser calculados no nascimento (fundação) de organizações ou outras parcerias, incluindo, portanto, empresas e países. Eles também ‘nascem’ em certo sentido.

Uma das dificuldades com os horóscopos das organizações, no entanto, é que uma organização (pense nas Nações Unidas, por exemplo) sempre tem vários momentos que você pode ver como seu ponto de partida: quando a ideia da organização foi concebida pelos iniciadores, quando essa ideia foi elaborada, o primeiro dia em que a organização realmente funcionou, a inauguração oficial e assim por diante.

O que você pode fazer com um mapa astral?

O que você pode fazer com ele, com o conhecimento do seu mapa astral? Você pode usá-lo para conhecer suas características (o que, aliás, não ajuda todas as pessoas, pois também pode funcionar como uma limitação). Você deve sempre ter em mente que, se deixar outra pessoa interpretar seu mapa astral, essa interpretação terá a influência e as limitações do pensamento desse astrólogo.

É necessário conhecer a si mesmo através de um horóscopo? Certamente que não, pois inúmeras pessoas provaram que é possível desenvolver um profundo autoconhecimento sem nunca se envolver com astrologia. O caminho direto para o autoconhecimento é estudar de forma independente a natureza de seus fluxos de pensamentos e suas consequências kármicas. Isso requer honestidade e equilíbrio. No entanto, há um grande valor em monitorar seus pensamentos dessa forma, pois assim você recorre aos seus próprios poderes de discernimento. Você está treinando seus próprios potenciais de discernimento. No curso de Sabedoria Universal da Sociedade Teosófica Point Loma (TSPL), o estudante recebe instruções pelas quais pode examinar de forma independente seus pensamentos, a fim de aprender a se orientar e, assim, dar uma direção sábia à sua vida e ao seu destino.

Nesse sentido, é importante saber que o cálculo dos horóscopos pessoais é algo que vem ocorrendo nos últimos milhares de anos. No passado distante, existiram civilizações que possuíam muito mais conhecimento sobre o cosmos e o homem do que nossa civilização atual. Os astrólogos

daquela época usavam seus conhecimentos apenas *para o bem da comunidade como um todo*. Raramente, ou nunca, eram usados para indivíduos, porque isso geralmente despertava os aspectos mais baixos do pensamento das pessoas envolvidas: o desejo de encontrar um ‘bom’ parceiro, saber quando abrir uma loja ou alcançar sucesso comercial. Não, a astrologia, em sua essência original, era considerada um conhecimento sagrado a ser explorado apenas a serviço da humanidade.

Por que os mapas astrais são geocêntricos?

Discutimos essa questão em uma edição anterior da série, mas faz sentido repeti-la brevemente quando falamos sobre mapas astrais. Uma mapa astral de nascimento mostra as influências que atuam sobre nós a partir de diferentes direções celestes e, portanto, é naturalmente visto *do nosso ponto de vista*, do ponto de vista da Terra; em jargão: ‘geocêntrico’.⁽⁵⁾

Você pode comparar isso à maneira como percebemos o vento. Quando falamos sobre *um vento norte*, dizemos que, do nosso ponto de vista, o vento vem do norte. Mas quase todas as correntes de vento fazem parte de grandes vórtices. Então, alguém que está em um lugar diferente dentro desse mesmo vórtice pode sentir esse vento como um vento oeste ou sul. Mas para nós, é um vento norte.

Que dados encontramos em um mapa astral de nascimento?

Os horóscopos ocidentais limitam-se a três tipos de informação, que se tenta combinar: o zodíaco *terrestre*, os planetas e as Casas, conforme mencionamos no início do artigo. Discutimos a natureza do zodíaco, dos planetas e das Casas em um artigo anterior.⁽⁶⁾ O que desejamos enfatizar é que todos os tipos possíveis de características dos seres cósmicos também estão presentes em nós. Como seres humanos, somos um cosmos em miniatura, contendo tudo o que o cosmos contém. Como desenvolvemos algumas características muito mais do que outras, algumas delas já estão ativas em nós, enquanto outras ainda estão em grande parte latentes. Agora vamos elaborar um pouco mais sobre o papel desses três elementos no horóscopo natal, começando com a pergunta: qual é a diferença entre o zodíaco celestial e o zodíaco terrestre?

A diferença entre o zodíaco celestial e o zodíaco terrestre

O zodíaco celestial consiste em 12 centros cósmicos, localizados fora e ao redor do Sistema Solar, dos quais emana

uma grande influência sobre o nosso Sistema Solar. Cada centro tem sua influência característica. ‘Zodíaco’ é uma palavra grega e significa ‘círculo de seres vivos’. Esses 12 centros, localizados no *mesmo* plano do próprio Sistema Solar físico, são conhecidos como as 12 constelações. Você os conhece: Áries, Touro e assim por diante ao redor do círculo. Podemos observar essas constelações à noite.

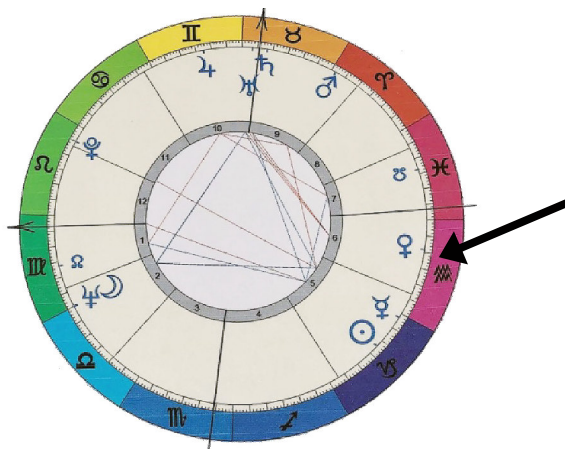
Bem: a Terra gira em torno do Sol em um ano. Se observarmos qual constelação está atrás do Sol todos os anos em 21 de março, veremos que ela muda muito lentamente. A cada 2160 anos (em 21 de março), há uma constelação diferente atrás do nosso Sol. Em 72 anos – pode-se dizer que é uma vida humana – o Sol se move um ângulo de 1 grau. Atualmente, o Sol está no signo de Aquário, com a era anterior, a Era de Peixes, tendo terminado recentemente. Portanto, em 2160 anos, estaremos vivendo na Era de Capricórnio, o signo subsequente. Por que o Sol faz uma jornada pelo zodíaco dessa maneira (do nosso ponto de vista)? Isso ocorre porque o eixo da Terra está girando muito lentamente.

Agora chegamos ao zodíaco terrestre e à diferença entre o zodíaco celestial e o terrestre. Nos artigos anteriores sobre astrologia, apontamos que *cada ser tem seu próprio zodíaco, que você pode considerar como uma ‘repetição em miniatura’ do zodíaco celestial*. Como acima, assim abaixo. Nosso planeta Terra tem seu próprio zodíaco, seu ‘círculo de centros de poder’ ao seu redor. A posição desse zodíaco terrestre está ligada à nossa esfera terrestre. Como resultado, *ele sempre se alinha com nossas quatro estações*. Por volta de 21 de março, o Sol sempre entra no signo de Áries do zodíaco terrestre, por volta de 21 de abril, ele sempre entra no signo de Touro e assim por diante, ao longo de todo o zodíaco, durante um ano. Portanto, neste caso, não há nenhuma pequena mudança a cada ano.⁽⁷⁾

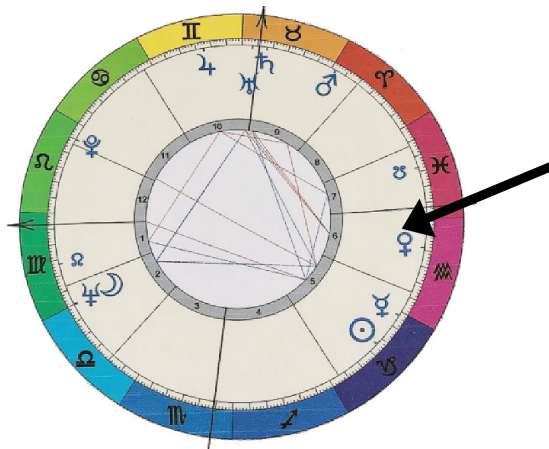
As doze forças características do zodíaco celestial são chamadas de ‘constelações’ em nossos artigos. Essas mesmas forças no zodíaco terrestre são chamadas de ‘signos’, para distinguir umas das outras. A astrologia indiana utiliza o zodíaco celestial em seus cálculos e, portanto, na elaboração de horóscopos. A astrologia ocidental não dá atenção ao zodíaco celestial. Assim, teosoficamente, ambas têm fundamentos para suas respectivas escolhas.

Os 12 signos do horóscopo

Agora, vamos examinar os três componentes básicos de um horóscopo natal. E sempre usamos o mesmo horóscopo como ilustração.



Você pode observar os 12 signos do zodíaco terrestre representados no anel externo (veja a seta). O anel com 12 setores representa de qual parte do céu cada força flui. Na verdade, cada um desses 12 signos possui um lado nobre, inspirador e universal, e um lado externo, pessoal e restritivo. Os signos do zodíaco terrestre desempenham um papel importante na interpretação.



Os planetas no horóscopo

No mapa astral acima, é possível observar a posição dos planetas no céu indicada pela seta, representada por símbolos planetários. O signo (essa parte do céu) em que um planeta está localizado determina a ‘coloração’, o ‘tom’ que a característica desse planeta recebe naquele momento. Cada planeta tem suas próprias características (veja o artigo 3 da série) e essa influência, assim como a de cada signo do zodíaco, tem um lado ou ‘frequência’ divina, espiritual, mental, astral e física. Portanto, cada influência planetária também tem seu lado universal, inspirador e edificante. Depende de nós, de como usamos nosso livre arbítrio, a qual dessas ‘frequências’ de um planeta nós abrimos. Um ponto muito importante é a questão dos *ângulos* que os planetas formam entre si, vistos da Terra. Quando os

planetas estão em determinados ângulos entre si, ocorre o que os físicos chamam de ‘interferência’: ondas interagindo. Em que ângulos isso ocorre em grande extensão? Isso se aplica a ângulos de 60 ou 120 graus (um sexto e um terço de um círculo) e a ângulos de 45, 90 e 180 graus (um oitavo, um quarto e metade de um círculo). Nos dois primeiros, as duas influências interagem harmoniosamente; nos três últimos, ao contrário, isso não ocorre e surgem tensões: dificuldades que devem ser resolvidas. E quando dois planetas (vistos da nossa perspectiva) estão no mesmo lugar, eles se reforçam mutuamente em grande extensão. Os astrólogos chamam esses ângulos especiais de ‘aspectos’: então, dois planetas formam um aspecto entre si. Eles são indicados em um horóscopo por uma linha de conexão entre as posições dos dois planetas em questão. No horóscopo acima, você pode observar essas linhas de conexão no meio, dentro do círculo cinza. As linhas vermelhas são os aspectos que indicam atritos.

Os planetas formam uma ‘equipe coesa’

No artigo anterior da série, discutimos detalhadamente os ‘sete planetas sagrados’: esses são os planetas do nosso Sistema Solar que desempenham um papel estimulante muito importante na evolução do nosso planeta Terra. No entanto, existem ainda mais planetas que pertencem à ‘família cósmica’ do nosso Sistema Solar (a maioria dos quais, aliás, não podemos observar). Todos esses planetas formam, na verdade, uma espécie de família, com o nosso Sol como pai-mãe. Podemos dizer que ‘crescemos juntos’. Nós também temos nossas responsabilidades para com os outros planetas da família. Não se pode ver os planetas isoladamente. Não devemos pensar neles como influências separadas em um horóscopo. Todos os seres planetários pertencentes ao nosso Sistema Solar *alinham* suas atividades entre si, espiritual, mental e fisicamente. Pois só assim podem trabalhar juntos como os dedos de uma mão, entre si e com o Ser Solar como ser guiador. É por isso que os ciclos de crescimento, as fases de crescimento evolutivo, dos diferentes planetas não são separados uns dos outros. Este alinhamento reflete-se no plano material e observável nos seus períodos orbitais em torno do Sol. Estes estão, de facto, sintonizados uns com os outros. A tabela anexa mostra isso mesmo.

Aqui vemos os períodos orbitais dos planetas como números exatos (coluna do meio) e arredondados para números inteiros (coluna da direita). Isso mostra que seus tempos orbitais estão matematicamente alinhados. Eles formam uma corda, por assim dizer. Os pequenos desvios das

Períodos de rotação dos planetas

Planeta	Período orbital relativo em anos terrestres (atualmente)	Relação básica com a Terra (‘ideal’)
Mercúrio	0,24	0,25
Vênus	0,62	0,6
Terra	1	1
Marte	1,88	2
Júpiter	11,87	12
Saturno	29,46	30
<i>Urano</i>	<i>84,01</i>	<i>84</i>
<i>Netuno</i>	<i>164,8</i>	<i>165</i>
<i>Plutão</i>	<i>247,94</i>	<i>248</i>

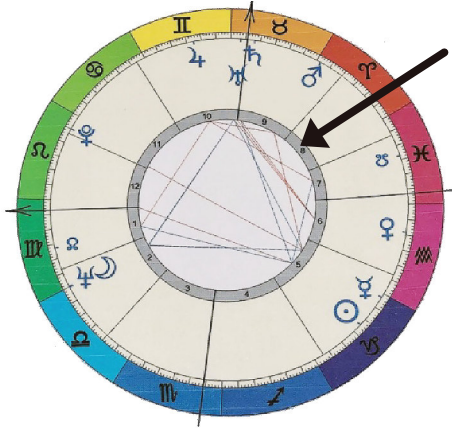
proporções matemáticas ‘ideais’ são temporários e têm origem no *livre arbítrio* de cada ser planetário.

Os planetas Urano, Netuno e possivelmente também Plutão (os dados em vermelho na tabela) são ‘planetas convidados’.⁽⁸⁾ Eles estão temporariamente em nosso Sistema Solar e, portanto, não são membros da Família Solar. Um dia, eles continuarão sua grande jornada pela galáxia e se despedirão do nosso Sistema Solar. No entanto, enquanto estiverem lá, eles têm uma influência poderosa em todo o Sistema Solar. Você pode comparar isso a uma família, quando um tio distante ou um amigo vem ficar por alguns dias. Isso também pode ter uma enorme influência no curso dos acontecimentos na família. O fato de eles terem influência pode, portanto, ser usado no cálculo de horóscopos. Os astrólogos ocidentais estimaram quais são essas influências, da melhor maneira possível, observando quais eventos ocorreram na vida de uma pessoa quando Urano, Netuno ou Plutão formaram certos aspectos com outros planetas. Ao coletar muitos exemplos de muitas pessoas, eles tentaram estimar isso.

As 12 Casas

No artigo anterior da série, apresentamos as 12 Casas astrológicas.⁽⁹⁾ Assim como os signos, elas também formam uma subdivisão do céu em 12 ‘fatias de pizza’. A figura mostra os números de 1 a 12 das Casas no anel cinza.

As Casas, conforme mencionado anteriormente, apresentam algumas semelhanças com as características dos 12 signos do zodíaco, mas *expressas nas áreas sociais e pessoais da experiência*. Elas são o fator mais concreto em um mapa astral de nascimento.



Assim, cada planeta está sempre em uma das doze Casas em um determinado momento. Sua influência é então expressa principalmente (mas certamente não apenas) nas situações concretas pertencentes a essa Casa. Por exemplo, um planeta localizado na 7ª Casa se expressa principalmente nas relações humanas, na forma como você trata seus semelhantes, porque esse é o tema concreto da 7ª Casa.

A linha preta fina e quase horizontal representa o horizonte no local e na hora do nascimento. No lado esquerdo, esse eixo tem uma seta apontando para a esquerda: esse é o horizonte oriental. É também onde a Casa 1 começa e a Casa 12 termina. Esse ponto é geralmente chamado de *ascendente* e desempenha um papel importante na interpretação do horóscopo. A palavra ‘ascendente’ indica qual signo do zodíaco terrestre está nascendo no leste, durante nosso nascimento. O ponto oposto, no horizonte ocidental, é o ‘descendente’. Ele nos diz qual signo está atualmente em processo de descida abaixo do horizonte ocidental. Agora, revisamos alguns elementos importantes do mapa astral de nascimento, sobre os quais muito mais poderia ser dito, é claro. Determinar a influência combinada de todos os signos, planetas e casas é uma tarefa complicada, que requer, além de meticulosidade, especialmente uma grande quantidade de discernimento. Esse é o grande desafio para qualquer pessoa que tente interpretar um mapa astral.

Considerações finais

É possível analisar o mapa astral de nascimento de uma pessoa de várias maneiras. Pode-se considerar a combinação de influências cósmicas como um auxílio para conhecer melhor o caráter de uma pessoa. É assim que geralmente se analisa. No entanto, é possível utilizar esse mesmo horóscopo para refletir sobre suas raízes espirituais: que nós, como indivíduos, não podemos existir sem a totalidade da

Vida. Todo o cosmos flui de uma unidade subjacente. Portanto, a cooperação é sua tônica, de alto a baixo e de baixo a alto – quer percebamos isso ou não. Assim, o que fazemos e pensamos é de grande importância para o destino de todos os seres que recebem nossa influência.

No mapa astral, quando colocamos esses óculos perspicazes, vemos a cooperação entre nós e os seres cósmicos. Vivemos na esfera de influência deles. Eles podem se expressar graças a nós e através de nós, seres relativamente inferiores. E nós podemos nos expressar apenas porque eles nos fornecem as condições cósmicas necessárias para isso.

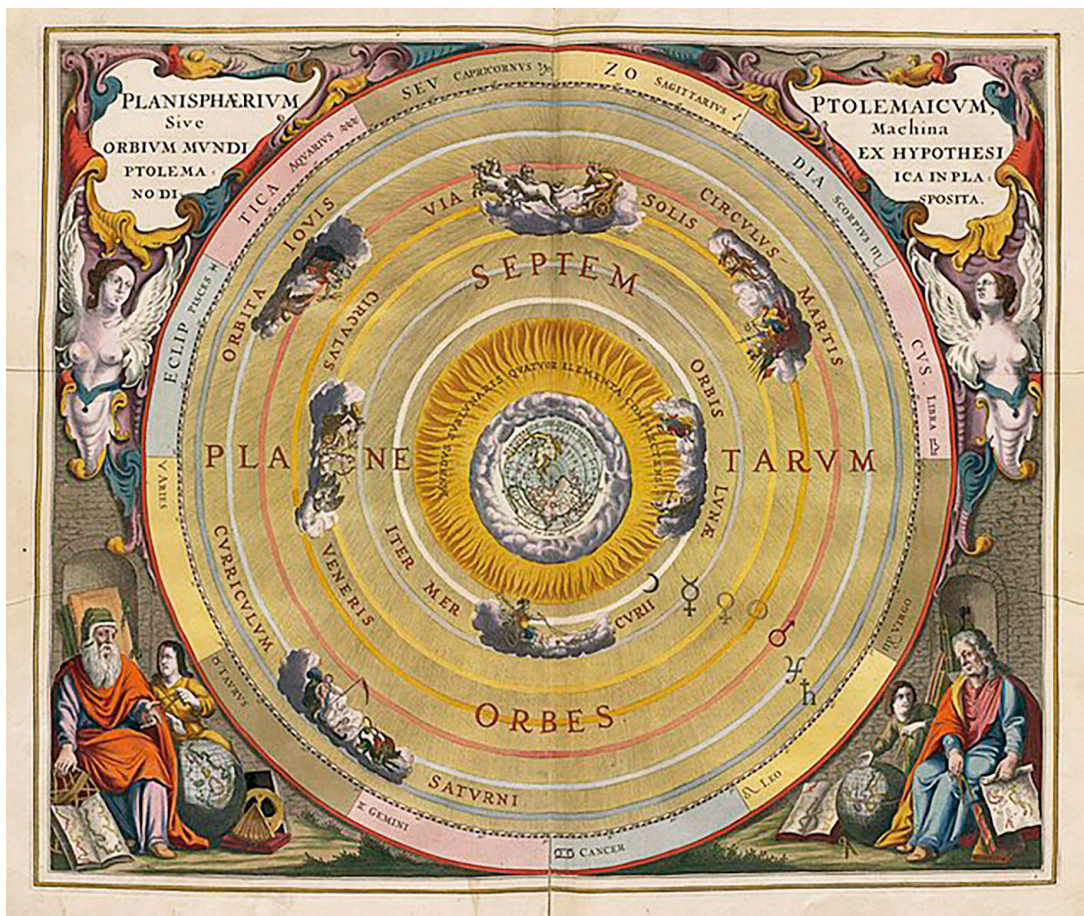
Suponha que tenhamos um padrão de pensamento no qual a característica de Vênus é predominante; então, em certo sentido, representamos essa influência de Vênus dentro do planeta Terra, dentro de nosso próprio círculo de vida. Esperamos fazê-lo de forma supra-pessoal, expressando os lados nobres dessa característica, e não os lados ego-cêntricos, cegos e instintivos dela.

Também podemos perceber o quanto estamos intimamente interligados com nossos semelhantes. Compartilhamos um destino: eles também vivem aqui na Terra porque são atraídos exatamente por este planeta, durante exatamente estas condições cósmicas. Somos alunos da mesma escola evolutiva de aprendizagem, aprendemos os mesmos tipos de lições e, portanto, podemos – devemos – ajudar uns aos outros enormemente no caminho do desenvolvimento da consciência.

Por fim, podemos refletir sobre a influência que nosso caráter atual, representado no mapa astral, tem sobre muitos seres menos evoluídos do que nós. Isso inclui os seres inconscientes que compõem nossa natureza exterior; que formam nossa natureza desejosa, nossa natureza emocional e nosso corpo físico. Nós ‘imprimimos’ nossas características neles e, portanto, somos responsáveis por seus efeitos em seu desenvolvimento futuro.

Cada passo que damos em nossa vida atual em direção à compaixão e ao pensamento equilibrado também os ajuda. Nunca estamos ‘presos’ ao caráter com o qual nascemos (o mapa astral de nascimento desta nossa encarnação)! Podemos dar passos todos os dias para reformar nosso pensamento e, com isso, nosso caráter, desenvolvendo o lado nobre, edificante e universal dos signos e planetas dentro de nós mesmos.

Agora que exploramos o tema dos horóscopos de nascimento, estabelecemos as bases para o próximo tópico: a astrologia preditiva. Discutiremos o ‘como’ e o ‘porquê’ das previsões astrológicas no próximo artigo desta série.



As esferas cósmicas, segundo Ptolomeu: 7 esferas planetárias, em uma relação hierárquica, rodeadas e permeadas pela esfera das doze constelações do zodíaco.

Referências

1. As três partes já publicadas desta série são: 'Os fundamentos da astrologia. Pistas para compreender a astrologia.' Artigo em: *Lúcifer – o Portador da Luz* número 3, outubro de 2025, p. 103 - 110; 'Astrologia: os atores cósmicos principais. Parte 2 da série sobre astrologia.' Artigo em: *Lúcifer – o Portador da Luz*, número 3, setembro de 2025, p. 141-149; 'Sobre a natureza das influências cósmicas, parte 3.' Artigo em: *Lúcifer – o Portador da Luz*, número 4, dezembro de 2025, p. 131-139.
2. G. de Purucker, *The Esoteric Tradition [A Tradição Esotérica]*. Volume II. 2nd edition. Point Loma, California, Theosophical University Press, 1940, Capítulo XXII 'How man is born and reborn II', ['Como o homem nasce e renasce II'] p. 673-678, (fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/the-esoteric-tradition-vol-1-2/>); and: G. de Purucker, *Occult Glossary*. 1st edition, San Diego, California, Theosophical University Press, 1933, lema Swabhâva, (fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/occult-glossary/>).
3. G. de Purucker, *The dialogues of G. de Purucker*. Volume 3. Covina, California, Theosophical University Press, 1948, p. 324-327, (fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/the-dialogues-of-g-de-purucker1-2-3/>).
4. Ver ref. 3, p. 5-6.
5. G. de Purucker, *Fundamentos da Filosofia Esotérica*. (fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/fundamentals-of-the-esoteric-philosophy/>).
6. Ver ref. 1, segundo e terceiro artigos da série.
7. G. de Purucker, *Esoteric Teachings 4*. 'Galaxies and Solar Systems: their Genesis, Structure and Destiny', [*Ensinaamentos Esotéricos 4*. 'Galáxias e Sistemas Solares: sua Gênese, Estrutura e Destino'] Appendix I, p. 127-134 (I.S.I.S. Foundation edition, 2015), p. 87-93 (Point Loma Publications edition, 1987).
8. Ver ref. 5, p. 175-176 e 452-453.
9. Ver ref. 1, terceiro artigo da série.

Perguntas e respostas

Karma é Ātman

De onde vem a expressão “Karma é Ātman”? Nunca ouvi falar dela antes.

Resposta

É mesmo uma expressão que você não vê com frequência. Pelo que eu sei, essa expressão só aparece uma vez na literatura teosófica. Ela está numa carta sem data do Mahātma Morya para William Quan Judge. Essa carta começa assim: *Soldados corajosos não precisam de ordens nem de incentivo constante. Sigam as diretrizes estabelecidas há muito tempo e ‘nós cuidaremos dos resultados’.* Como eu disse em S.D. (*Doutrina Secreta*): *Ātma é Karma, então todos os resultados decorrentes de um trabalho sincero serão corretos, se você estiver desapegado.*⁽¹⁾

Pergunta

Karma é a lei de causa e efeito. E eu entendo que Ātman é o Self (Eu) o aspecto relativamente mais elevado da consciência em um ser humano. Mas qual é a conexão entre os dois?

Resposta

Ātman é realmente o aspecto relativamente mais elevado nos seres humanos, mas não é só disso que se trata. Na verdade, Ātman é uma palavra que não pode ser traduzida. A raiz sânscrita dessa palavra é desconhecida. E se o traduzimos como Self (Eu), é apenas porque não temos uma palavra melhor. Escrevemos Self com letra maiúscula por uma razão, porque é esse Self que não é apenas o núcleo do ser humano, mas também o núcleo do Cosmos, do qual o ser humano é parte inseparável.

Raramente se manifesta nos seres humanos, mas quando o faz, experimentamo-lo como uma sensação de unidade abrangente.

Ātman é pura consciência universal e, portanto, o mesmo em todos os seres. Na filosofia védica, Ātman é identificado com Brahman ou Paramātmán, o Self do Cosmos. O Self do homem é, portanto, o mesmo que o Self do Cosmos. É o núcleo de tudo o que vive. É por isso que evoca em nós a ideia de unidade essencial. Portanto, não se pode falar do *meu* Ātman ou do *seu* Ātman. Ātman difere apenas no grau em que cada ser o reconhece dentro de si mesmo. Tudo no Cosmos está interligado e se interpenetra, porque tudo tem a mesma base primordial e é construído a partir da mesma Vida.

O que essa unidade essencial de tudo o que existe tem a ver com a lei de causa e efeito? Essa é uma pergunta importante. E a resposta curta é: *tudo*. Pois, se você tem uma imagem clara dessa unidade, entende que, precisamente por causa dessa unidade, toda causa deve levar a um efeito correspondente. O Cosmos inteiro é como uma imensa teia da vida, na qual cada fio está conectado ao todo.

Cada pensamento ou ação faz com que toda a teia vibre. Isso acabará levando à restauração do equilíbrio perturbado pelo ato, o que significa que a pessoa que realizou a ação deve colher suas consequências. Portanto, como Ātman é o núcleo de todos os seres vivos, ele também é o elemento de conexão de tudo o que existe. E justamente porque tudo está conectado, toda ação é seguida por uma consequência característica correspondente.

É claro que poucas seres humanos conseguem compreender em detalhes o enorme alcance dessa teia cósmica da vida e, assim, rastrear cada consequência até sua causa. Para eles, está claro que Ātman é Karma.

No entanto, mesmo nós, que estamos longe de ter uma consciência tão ampla, podemos tentar formar uma imagem mental dessa unidade. E embora isso esteja, sem dúvida, longe de ser perfeito, dá origem a uma compreensão de que o karma só pode existir porque há unidade na vida.

Quando pensamos um pensamento e realizamos uma ação, isso cria uma perturbação na unidade cósmica, e o resultado dessa perturbação retorna para nós quando o equilíbrio se restaura. Quando experimentamos isso, nunca reclamaremos do nosso destino e saberemos que todo pensamento ou ação altruísta nunca pode permanecer sem influência. O karma existe pela graça da totalidade da Vida.

Pergunta

Mas ainda não entendo por que o Mahātma associa essa afirmação a soldados corajosos que não precisam de incentivo ou ordens.

Resposta

Não sabemos quando esta carta foi escrita, mas o que se sabe é que Judge enfrentou muitos desafios significativos. Ele foi um dos fundadores da Sociedade Teosófica e, quando Henry Steele Olcott e Helena Blavatsky partiram para a Índia em 1878, ele ficou praticamente sozinho nos Estados Unidos. Isso não o impediu de continuar o trabalho teosófico, embora inicialmente

não tenha conseguido se estabelecer e tenha dado palestras para salas vazias. Graças à sua enorme dedicação e energia, a S.T. cresceu enormemente na América, mas isso também trouxe suas dificuldades, especialmente após a morte de Helena Blavatsky. Acredito que a carta do Mestre Morya foi escrita durante esse período, ou pelo menos após 1888, ano em que *A Doutrina Secreta* foi publicada. Afinal, o Mestre se referiu a ela. Essa carta incentiva Judge a continuar o trabalho. Na verdade, ele incentiva todos que desejam divulgar a Teosofia, sem se preocupar com os resultados. Um pouco mais adiante na carta citada, o Mestre diz:

Seja sábio e prudente, e não espere nada, pois esta é uma era de escuridão. Você, meu Filho, não pode ser cuidadoso demais. Tenha cuidado com a 'regra de ferro'. Você deve plantar a semente. Dê toda a sua atenção a isso e não force o crescimento. Seja sempre gentil com os discípulos rebeldes sob seus cuidados, assim como nós somos com você.

Pergunta

E o Sr. Judge seguiu esse conselho?

Resposta

Sem dúvida. Considero-o um exemplo para todos os teosofistas que desejam cooperar na disseminação e na vivência da Teosofia, seguindo os ensinamentos dos Mestres da Sabedoria e da Compaixão.

William Q. Judge enfrentou muitos desafios e dificuldades. Foi injustamente acusado de fraude. Amigos e colegas se afastaram dele e o traíram. No entanto, como uma rocha na rebentação, ele continuou calmamente o Trabalho: semeando a semente teosófica. Há uma carta bem conhecida dele para um de seus alunos, na qual descreve um exercício de meditação muito



prático. Na verdade, ele tenta formar uma imagem de Ātman, a unidade, que ele chama de Brahma nesta carta. “Eu sou Brahma”, escreve ele, “e Brahma é tudo”. Em seguida, ele tenta tomar consciência de que é seus amigos, seus inimigos e todos os seres humanos. Na verdade, ele é todos os seres, grandes ou pequenos, altamente desenvolvidos ou não. Essa carta termina com a seguinte frase: “Será que eu não devo me animar mesmo quando um amigo querido me abandona e me apunhala profundamente, quando sei que ele sou eu próprio?”⁽²⁾

Não é exatamente essa a lição do Mestre Morya, embora formulada de maneira diferente? Tudo é Ātman e tudo é karma. Até mesmo o amigo que o trai é uma consequência cuja causa reside, em parte, em você mesmo. Afinal, existe unidade na vida. Você não poderia extrair força disso?

E tal atitude não inspiraria seu amigo que o traiu? Lembre-se de que nunca podemos separar as escolhas que fazemos em nossas vidas do bem-estar de toda a humanidade.

Apesar de suas graves doenças físicas, William Quan Judge semeou as sementes da Teosofia até seu último suspiro, sabendo que toda ação sincera dará frutos com o tempo.

A lição que todos podemos aprender com isso é que não devemos permitir que nada nos impeça de realizar trabalhos altruístas. Karma é Ātman. Existe unidade. Nada pode ser perdido. Mesmo que sejamos frustrados, todo esforço sincero terá um resultado correspondente.

Referências

1. William Quan Judge, *Echoes of the Orient, [Ecos do Oriente]* Vol. 1, Point Loma Publication, Inc, California; ou: Theosophical University Press, Pasadena, California, p. liv (fac-símile) en lvi.
2. W.Q. Judge, *Letters that have helped me, [Cartas que me ajudaram]*, carta 4. (Muitas edições.)

Existe uma tradução em português: Projeto Pioneiros, coordenação: Fernando Mansu

Agenda

Palestras em inglês aos domingos, abril a junho

Todas as semanas, há uma palestra transmitida ao vivo aos domingos, às 19h30 (horário da Europa Central). No dia da palestra, aparecerá uma mensagem em vermelho na página inicial informando que a palestra pode ser acompanhada ao vivo. Clique nessa mensagem e você será redirecionado para a transmissão ao vivo no YouTube. Após cada palestra, haverá uma sessão de estudo interativa via ZOOM. Caso deseje participar desse estudo, inscreva-se em nosso site para que possamos enviar-lhe o link do ZOOM.

Apr Universal Wisdom in the Eastern tradition

May Universal Wisdom in the Greek tradition

Jun Universal Wisdom in original Christianity

Mais informações em: www.blavatskyhouse.org

International Theosophy Conferences (ITC)

Também este ano, a *Conferência Internacional de Teosofia* (ITC) será realizada via Zoom. O tema deste ano é:

Honrando a verdade pela prática - Vivendo a Vida Teosófica (2026)

Data: 23 a 26 de julho

Programa, com palestras diárias, oficinas e sessões plenárias:

- Dia 1, 23 de julho: Vivendo a Vida
- Dia 2, 24 de julho: Ouvindo a Canção da Sabedoria – *A Voz do Silêncio*, Fragmento Um
- Dia 3, 25 de julho: Escolhendo a Unidade – *A Voz do Silêncio*, Fragmento Dois
- Dia 4, 26 de julho: Compaixão: a Lei das Leis – *A Voz do Silêncio*, Fragmento Três

A conferência será realizada em três idiomas: inglês, espanhol e português.

Para inscrições e mais informações, acesse: www.theosophyconferences.org



O belíssimo livrinho *Preceitos de Ouro do Esoterismo*, de Gottfried de Purucker, continua sendo uma joia para lermos um trecho todos os dias, a fim de iluminar nossos pensamentos. Segue abaixo o início do capítulo sobre o Amor, que podemos conhecer como o cimento do Universo (ver página 69).

Este livro pode ser encomendado através da loja virtual da Fundação I.S.I.S., www.blavatskyhouse.org.

O Amor é o cimento do Universo

O Amor mostra o Caminho e ilumina a Senda; o Amor é o fluir da Luz permeável, o Esplendor Búdico – a Luz Crística – no coração do Universo: aquele amor que, atuando nos deuses e nos homens, nos ensina a conhecer a beleza quando a vemos, especialmente a beleza interior, a reconhecer a grandeza e o esplendor nos outros, a partir do conhecimento da grandeza e do esplendor em nosso próprio ser íntimo.

O amor é o cimento do Universo; ele mantém todas as coisas no lugar e as colocou eternamente sob seus cuidados; sua própria natureza é a Paz celestial, sua própria característica é a Harmonia cósmica, permeando todas as coisas, sem limites, sem morte, infinita, eterna. Ele está em toda parte e é o próprio coração do coração de tudo o que existe.

O amor é a coisa mais bela e sagrada conhecida pelos seres humanos. Ele dá esperança ao homem; mantém seu coração em aspiração; estimula as qualidades mais nobres do ser humano, como o sacrifício de si mesmo pelos outros; traz o esquecimento de si mesmo; traz também paz e alegria sem limites. É a coisa mais nobre do universo.

(...)

O amor é protetor; o amor é poderoso; é totalmente penetrante; e quanto mais impessoal ele for, mais elevado ele é e mais poderoso. Ele não conhece barreiras nem de espaço nem de tempo, pois é a atividade fundamental da Natureza, a lei fundamental da Natureza, e é o vínculo universal de união entre todas as coisas. Ele não apenas quebra a obstinação do coração humano mais endurecido e não apenas derrete o gelo da mente humana mais fria, mas também infundirá lentamente seu calor vivificante em todos os lugares. Nada pode impedir sua passagem, pois ele é a própria essência vital do Universo. Pois todos os seres e coisas são um, em última análise, todos enraizados na única VIDA, e através de todos flui a corrente constante e ininterrupta do Amor todo-poderoso.

Cólofon

Editores:

Barend Voorham, Henk Bezemer,
Rob Goor, Nico Ouwenhand, Erwin Bomas,
Bouke van den Noort.

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74, 2518
AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito de
fazer uma seleção e/ou de resumir as
mensagens recebidas

Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a
partir do 22.o número gratuito da versão
inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para
subscrições: enviar mensagem para a sede
editorial: luciferred@stichtingisis.org.
Tarifas a pedido.

Editora:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode ser
reproduzida ou tornada pública por
qualquer forma ou meios: eletrónica,
mecânica, por fotocópias, gravações, ou de
outra forma, sem permissão anterior da
Editora.

Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês]
é "Stichting International Study-centre for
Independent Search for truth". A sua sede é
em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de
Fraternidade Universal, através da
disseminação do conhecimento sobre a
estrutura espiritual do ser humano e do
cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar
este objetivo através de cursos, organizando
palestras públicas, publicando livros, brochuras
e outras publicações, e recorrendo a todos os
recursos disponíveis com vista a este fim.
A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins
lucrativos, reconhecido como o tal pela
autoridade tributária dos Países Baixos. Para
fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se
chama de estatuto ANBI. ANBI significa
Organização para o Benefício Geral (Algemeen
Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o
estatuto ANBI são:

É uma organização sem fins lucrativos,
portanto não tem rendimentos. Quaisquer
lucros que resultem da venda de livros, devem
ser totalmente utilizados para atividades gerais
de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto
significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto,
objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher
requisitos de integridade.

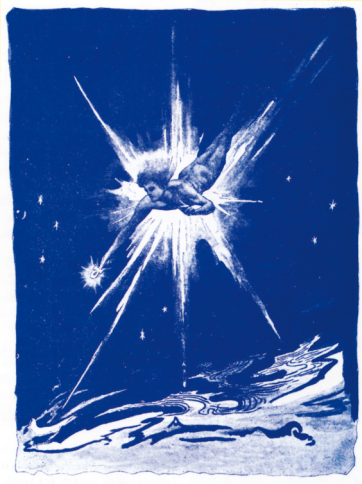
O ANBI deve ter uma propriedade separada,
pelo que um diretor ou decisor não pode
tomar decisões sobre esta propriedade como
se fosse sua.

A remuneração dos membros da direção
apenas pode consistir de um reembolso de
despesas e assistência. O número ANBI da
Fundação I.S.I.S. É o 50872.

Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton . .. Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).